

15

AVEIRO, 1-VI-1963 ★ ANO I ★ N.º 3 ★ ABRIL ★ MAIO ★ JUNHO

# Selos & Moedas

bibRIA

REVISTA  
TRIMESTRAL  
da  
SECÇÃO FILATÉLICA  
e  
NUMISMÁTICA  
do  
Clube dos Galitos

# NOTAS DA REDACÇÃO



Ao sair o n.º 3 de «Selos & Moedas», quer antes de mais, a presente Direcção desta Revista, agradecer penhorada e reconhecidamente a todos aqueles, tanto entidades oficiais como particulares (contando entre estes com os nossos sempre dedicados associados), todo o auxílio e amparo que lhe tem sido dado para que esta publicação possa, dentro da sua pequenez, ajudar a divulgar, conscientemente, a boa Filatelia e Numismática dentro dum espírito são baseado nas boas normas destes coleccionamentos.

★ E' com o maior prazer que podemos divulgar uma notícia que a todos deve satisfazer enormemente: — A partir do próximo número, «Selos & Moedas» poderá contar com a colaboração assídua do Ex.º Sr. Dr. Reül Gonçalves, Presidente da Sociedade Portuguesa de Numismática, que se ofereceu para iniciar a publicação de uma série interessantíssima de artigos a que dará o título de *O ABC da Numismática*.

A tão grande amigo, que desinteressadamente nos ofereceu os seus grandes conhecimentos sobre Numismática, queremos, desde já, agradecer a sua excepcional colaboração.

★ Chegou-nos uma carta do Sr. Emil Luckas, da Westfália nosso prezado amigo e consócio, na qual, pedindo-nos desculpa de ainda não ter cumprido o prometido no n.º 2 da nossa revista, vai dentro em breve começar a enviar-nos periodicamente notícias sobre os correios da República Federal da Alemanha e outros países limítrofes, começando já no próximo número por uma detalhada reportagem sobre a recente Exposição Mundial «Melusina», realizada no Luxemburgo, exposição essa onde se apresentaram algumas das mais importantes colecções do mundo inteiro.

★ Já com a revista no prelo recebemos as classificações da EXFINAR — 63, (essa maravilhosa jornada filatélica), as quais temos o grato prazer de relacionar, apresentando a todos os Filatelistas classificados e bem assim a todos aqueles que lá marcaram a sua presença, os nossos sinceros parabéns.

## CLÁSSICOS

*Grande prémio*

Capitão Joaquim Furtado Leote

*Vermeil e medalha*

da F. P. F.

Hernani dos Santos Viegas

*Vermeil e Taça Ministério  
do Ultramar*

António Correia Nunes

*Vermeil e medalha*

D. Luis

José Hipólito

*Vermeil, medalha J. Ell  
e felicitações do júri*

Eng. Marques Gomes

*Vermeil e medalha  
Hernani Viegas*

Dr. Montenegro Carneiro

Arnaldo Gonçalves

José Hipólito

*Prata com Taça S. N. I.*

Coronel Adriano Macedo

*Prata e medalha C. F. P.*

António Ricardo Guerra

*Prata*

**Eng. Paulo Seabra Ferreira**

(Sócio da Secção Filatélica do Galitos)

Dr. João Vieira Pereira

Maria Deffruse Leote

António Ferreira Rodrigues

**Dr. Romano Caldeira Câmara**

(Sócio da Secção Filatélica do Galitos)

*Bronze Prateado*

Dr. Montenegro Carneiro

José Hipólito

Carlos Mendes Seixas

*Bronze*

Manuel Andrade e Sousa

**Manuel Pimenta Vieira**

(Sócio da Secção Filatélica do Galitos)

**José Henrique dos Santos**

(Sócio da Secção Filatélica do Galitos)

*Menção Honrosa*

António Nascimento Pinto

António Ferreira Soares

António Guedes da Costa

João Domingos Carpenter Robertson

**TEMÁTICAS**

**bibRIA**

*Grande prémio*

Dr. João Vieira Pereira

*Ouro e Taça V. C.*

Dr. Aníbal Alçada

*Vermeil*

Feliz da Costa Ilha

Henrique Pimentel Saralvo

*Prata*

Capitão Marques Loureiro

**Miguel Pimentel Saraiva**

(Sócio da Secção Filatélica do Galitos)

Eng. José d'Almeida Avila

*Bronze prateado*

António Meca Oliveira Costa

Jorge Luís Pereira Fernandes

Florentino Alves Rodrigues.

*Bronze*

Raul Soares

Edmundo da Conceição Nunes

Ivo Sousa Rodrigues

*Menções Honrosas*

Sport Lisboa e Benfica

Rolando Alvaro de Mendonça

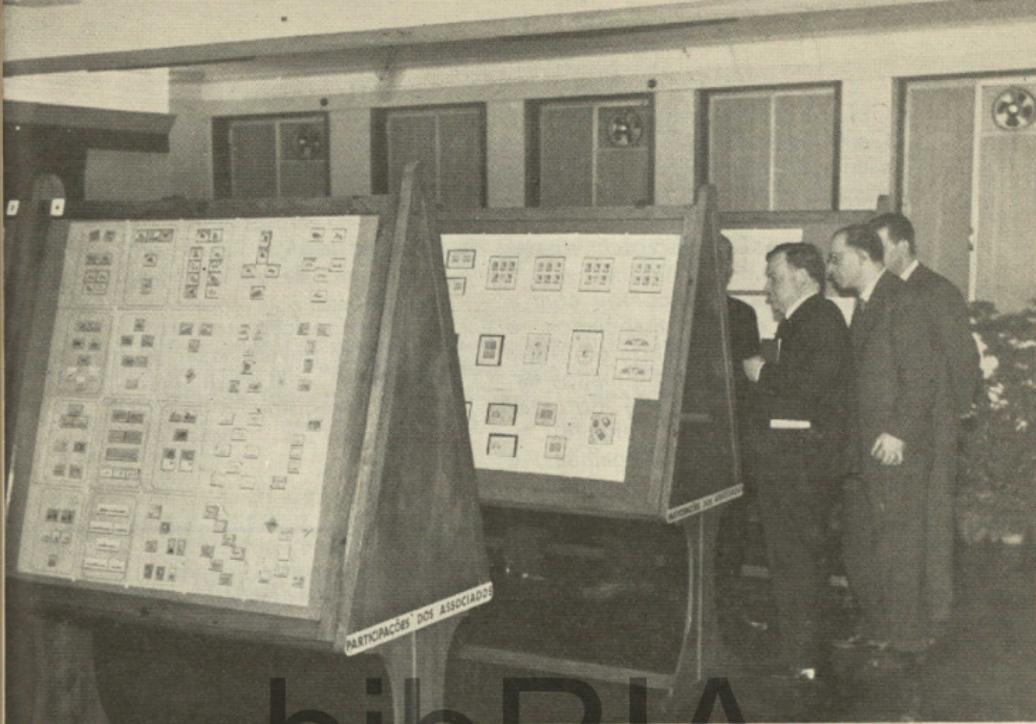
Miguel Ramalho Pinto

Policarpo Lemos

António Luz Telmo

*Taça Governador Civil*

Eng. António dos Santos Furtado



Um aspecto de alguns quadros da Exposição

# biblioteca

## REPOR TAGEM

### 1.ª Exposição Filatélica do Centro de Alegria no Traba- lho do Pessoal da Hidouro

A Sede da Hidro-Eléctrica do Douro, à Rua do Boalhão, 36, Porto, e com a presença dos Ex.<sup>mos</sup> Senhores Dr. Rui de Albuquerque, representando o Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e a F.N.A.T., Dr. Valentim de Almeida e Sousa, Administrador da Hidro-Eléctrica do Douro, Srs.

António Correia Junior, Tenente Coronel Guedes de Magalhães, Dr. António Fragoso, Srs. Castro Brandão e Angelo Correia, da Direcção do Club Internacional de Filatelia, Eng. Carlos Bouça, dos Serviços de Edifícios e Mobiliários dos C.T.T., Sr. Sérgio Marinho, Chefe da Circunscrição de Exploração do Douro Litoral dos

C. T. T., os Membros dos Corpos Gerentes do C. A. T. e da Comissão Executiva, foi inaugurada no passado dia 15 de Fevereiro a 1.ª Exposição Filatélica do Centro de Alegria no Trabalho do Pessoal da Hidouro.

Esta exposição contou com a presença de 13 associados e 3 Convidados de honra. Nesta secção estavam representados estudos sobre Selos de Portugal, pertencentes ao Sr. Tenente-Coronel Guedes de Magalhães, e

duas temáticas — Europa-desportiva do Eng. Sousa Loureiro e Flores do Sr. Gaspar Madeira.

Foi editado pela Comissão Executiva um sobrescrito alusivo e um posto dos C. T. T. procedeu à aposição de um carimbo comemorativo.

A exposição encerrou-se no dia 20 de Fevereiro, e durante o tempo em que esteve patente ao público registou a afluência de numerosos e interessados visitantes.

## COMO EU VI A

### I EXPOSIÇÃO FILATÉLICA DA HIDOURO

pelo nosso associado J. CAMPELO

AbilbriA  
JÁ não se haviam extinguido os ecos da II Exposição Filatélica de Matosinhos, cuja realização esteve a cargo da Associação Recreativa Aurora da Liberdade, inaugurada a 1 de Dezembro do ano findo, eis que nova manifestação filatélica é levada a cabo na cidade do Porto.

Dentro da linha de orientação da prestimosa colectividade matosinhense, cujo lema ARTE-INSTRUÇÃO-CARIDADE constitui uma trilogia a definir os seus objectivos básicos ao longo de mais de 50 anos de existência, a Exposição então realizada alcançou plenamente aquele êxito que se previa. Vivíamos ainda sob aquela impressão de agrado, de conforto espiritual que tal Exposição nos proporcionou, pensando sem razão, afinal, que tão cedo não teríamos nova manifestação filatélica. Enganámo-nos, e ainda bem! O marasmo fôra frutuosamente sacudido e, no espaço de menos de 3 meses, o Porto e sua região proporcionaram-nos duas interessantes jornadas filatélicas.

Quiz o Centro de Alegria no Trabalho do pessoal da Hidro brindar-nos com uma pequenina mas não menos interessante Exposição. Lê-se no Catálogo que, com a constituição do Centro em 1961 «desde logo se verifica ser a Filatelia uma das actividades a que não podia ficar estranho, pelo entusiasmo sincero que nela punha um núcleo razoável de associados».

Foi assim que, em ambiente acolhedor, numa das salas da sua Séde, à rua do Bolhão, teve lugar a I Exposição Filatélica do Pessoal da Hidouro.

Vimos e gostámos. Seguimos atentamente o interesse de alguns jovens pelas colecções expostas, suas opiniões e apreciações; seus juízos justos ou descabidos, suas reacções ante certos contrastes na realidade um pouco chocantes. Com agrado, ali passámos uma tarde de sábado e podemos assim dar-nos conta do interesse suscitado pela pequena Exposição. Muitos curiosos ou entendidos, empunhando papel e lápis, detinham-se ante cada quadro e transmitiam ao papel as suas impressões.

Não havia vedetas nem selos valiosos e raros; colecções em geral modestas, notando-se, na maior parte delas, o dedo do principiante onde se vislumbra logo aquela ausência de ordenação, de escolha de exemplares, de montagem, que são características de quem busca ainda um rumo definido.

Mas havia coisas interessantes; não só as grandes colecções nos deslumbram e extasiam. Por vezes uma modesta colecção, meia dúzia de selos alagóricos, transmitem-nos todo um mundo de recordações e até de inspiração. Por isso gostámos destas Exposições simples, modestas, de quem se inicia na difícil arte de coleccionar selos e partimos de uma certeza — é que com Exposições futuras veremos colecções valorizadas, enriquecidas com novos exemplares, montagens mais harmoniosas, um processo de selecção que se evidencia em cada pormenor, fruto do gosto, da arte do próprio coleccionador.

Nesta Exposição, além da Classe de Honra com uma amostra da

bIBLIA



No dia da inauguração alguns visitantes trocando impressões sobre a exposição

deslumbrante Ceres do Sr. Tenente Coronel Alexandre Magalhães e algumas provas de selos mais recentes, uma Alemanha Ocidental e Europa do Sr. Manuel Sousa Loureiro e Flores do Sr. José Gaspar Monteiro, com interessante ordenação a demonstrar conhecimento e domínio da técnica filatélica.

Quadros 1 a 3 — Portugal e Ghana — Um Portugal moderno com alguns exemplares antigos mas com séries incompletas o que, em Exposição, rouba interesse e beleza à apresentação.

Quadro 4 — Barcos e automóveis com interessante variedade.

Quadro 5 — Blocos de Portugal sem motivo para reparos.

Quadro 6 — Pintura — Reprodução de trabalhos de alguns dos melhores artistas do passado como Sassoferrato, Velasquez, Goya, El Greco, Murilo, mas que carece de desenvolvimento. Interessante como ponto de partida.

Quadro 7 — Desporto e Fauna com boa apresentação.

Quadro 8 — Portugal em selos modernos a partir de Camões.

Quadros 9 a 12 — Sobscritos do 1.º dia de Portugal e Paludismo. Não vemos vantagem na apresentação de sobscritos repetidos sem particularidades a distingui-los; na apresentação dos selos «Paludismo» não gostamos das legendas com dizeres em francês. Para quê?

Quadros 13 e 14 — Pinturas e pintores por escolas. A apresentação, agradável, leve-nos a pedir um maior desenvolvimento do tema, muito interessante e curioso.

Quadro 15 — Portugal e Ultramar num plano muito modesto mas susceptível de aperfeiçoamento.

Quadros 16 a 19 — Ultramar Português e Conquista do Espaço. Sinceramente gostamos de apreciar estes quadros. A nova temática da «Conquista do Espaço» muito bem apresentada com elementos de carácter científico a prender a atenção dos visitantes. Muito bem.

Quadro 20 — Postais máximos de certa valia.

Quadros 21 e 22 — Crianças que quase desaparecem ante as legendas demasiado grandes que não embelezam as folhas. Por que não as legendas em português?

Quadros 23 e 24 — Portugal e Ultramar a nosso ver o melhor na modalidade mas um tanto desordenado na apresentação. Carece de uma montagem mais cuidada para se valorizar um pouco mais.

Os pequenos reparos que aqui ficam não têm qualquer sentido crítico mas tão somente uns tantos apontamentos de um visitante interessado que espera admirar a nova Exposição que o pessoal da Hidouro não deixará de realizar a seu tempo, melhorada, com novos exposito-

res que por certo foram conquistados nesta primeira manifestação filatélica. Falta uma colecção ligada à própria actividade profissional do pessoal da Hidouro — barragens, transporte de energia, enfim, a electricidade na filatelia, tema atraente e não muito divulgado.

Esta primeira experiência veio por certo enriquecer os conhecimentos dos membros da Secção Filatélica que, futuramente, nos brincarão com novas e interessantes iniciativas do género. A filatelia carece de novos recrutas para que o seu campo de acção se alargue sem cessar. Só com manifestações desta natureza será possível conquistá-los.

Há que sacudir o marasmo que traz adormecidas muitas cidades e vilas do país onde são numerosos os filatelistas mas nulas as iniciativas.

Que o exemplo do pessoal da Hidouro frutifique e daqui lhes endereçamos os nossos parabéns incitando-os a prosseguir na rota em boa hora encetada.

Porto, Março de 1963.

**J. Campelo**

bib**RIA**



**COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS**

Rações **BEIMAR** \*

Repare que *ração* sugere o uso *racional* de alimentos.  
Os seus animais precisam que raciocine por eles...

BEIMAR \*: marca registada desde 1947

OS  
NOVOS

MIGUEL PIMENTEL SARAIVA

# E A FILATELIA

**N**OS tempos que vão correndo, tudo é velocidade e feito à pressa, quasi sempre sem se pensar, por uns momentos que seja, nas consequências que tais pressas possam originar.

O que é preciso é fazer, o resto se verá depois. Isto vem a propósito do que no momento presente se está passando com os filatelistas que iniciam o coleccionamento de selos, pois julgam que coleccionar selos é o mesmo que andar a correr sem preocupações de qualquer espécie.

Pretendem fazer em pouco tempo, aquilo que deve levar anos, porque entendem que basta comprar os selos e colá-los nos albums, sem contudo se lembrarem de que os coleccionadores antigos levam anos a conseguir alguma coisa; razão forte tem de haver para isso.

Ignoram, por completo, as mais elementares regras para coleccionar, pelo que é necessário dizer-lhes que a filatelia exige muito estudo, ponderação, paciência e sentido de orientação, porque se assim não procederem redundará o seu esforço, num fracasso, quer moral, quer material.

Não devem, portanto, começar a coleccionar sem ouvirem os mais experientes, pois os seus conselhos, por certo, muito úteis lhes serão, quer no início quer na continuação das suas colecções.

Desde que sigam esses conselhos, poderão vir a ser grandes coleccionadores, com um dispêndio menor do que aquele que muitos estão seguindo — comprar, enquanto podem, tudo mesmo aquilo que não precisam.

Creio que a melhor maneira de os chamar ao bom caminho, será a publicação em jornais, revistas da especialidade, das mais elementares regras de coleccionamento e também a promoção de exposições onde somente sejam admitidos os principiantes e durante o período dessas exposições a realização de conferências onde se faça a crítica explicativa e construtiva das colecções expostas, chamando-se-lhes a atenção para as deficiências encontradas e encorajando-os a prosseguir, mas, por um bom caminho.

Tenho esperança nos novos e estou convencido que bem orientados serão os grandes coleccionadores de amanhã.

# FILATELIA TEMÁTICA

## 2) Apreciação de Regulamento

- I — Coleções de assuntos ou de motivos
- II — Coleções Temáticas
- III — Coleções Didácticas

O Regulamento que rege as «coleções não clássicas» a partir de Janeiro de 1961, foi firmado no Congresso da FIPCO em Genebra por L. Berthelot, como presidente e R. Lullin, como secretário, e nele se assentou que estas coleções se dividiam em:

### ORIENTAÇÃO DE

D. Maria da Conceição Hernandez  
Dr. António de Almeida Figueiredo

## I — Coleções de assuntos ou de motivos

Quanto a estas o art.º 1.º do regulamento diz:

*E' considerada como coleção de assuntos ou de motivos uma coleção tendo por base de classificação o assunto que ilustra o selo ou a finalidade da sua emissão. Consiste numa simples justaposição de selos tendo qualquer relação entre si em virtude do assunto que neles se encontra representado ou da finalidade das suas emissões; as anotações explicativas à excepção dos títulos são desnecessárias.*

Daqui, se conclue que esta coleção constitue uma simples justaposição de selos baseada no motivo que os ilustra ou na finalidade da sua emissão. Não são necessárias quaisquer anotações explicativas mas admite-se a colocação de títulos. Como *não há tema* o plano da coleção é absolutamente dispensável.

Assim cabem perfeitamente dentro desta classificação as coleções da U. P. U., Centenário

do Selo, Exposição de Bruxelas, Nato, Europa, etc., que até à data andavam ao sabor do critério dos júris, e que podemos enquadrar dentro das que foram escolhidas pela finalidade da sua emissão. Como exemplo das que são organizadas pelo motivo que ilustra o selo podemos escolher qualquer tema *desde que não tenha desenvolvimento*. Se escolhermos flores e as colocarmos nos folhos sem as dividirmos por

famílias ou espécies, temos organizado uma colecção de assunto.

Para estas colecções foi previsto pelo regulamento a mesma pontuação que para quaisquer

outras e os prémios a atribuí-lhes são idênticos na forma e no tamanho aos das outras classes, sendo obrigatório ter mencionado a palavra «Assunto».

## II — Colecções temáticas

Para estas o art.º 1.º do mesmo regulamento diz:

*É considerada como colecção temática uma colecção estabelecida segundo um plano determinado e seguindo um Tema — ideia orientadora — inspirado pelos assuntos que ilustram os selos ou pela finalidade das suas emissões. A colecção Temática desenvolve um tema, expõe uma tese, ilustra uma ideia orientadora por meio dos selos e outras peças filatélicas; é acompanhada necessariamente de textos explicativos.*

Pensamos, o que não quer dizer que tenhamos razão, que na colecção temática é absolutamente necessário escolher um tema e desenvolvê-lo, devendo expôr-se imediatamente antes da colecção o plano que a orientou. Comparo muitas vezes uma colecção temática ao mote que se dá a um poeta para versejar ou à tese que um Assistente tem de defender para chegar a lente. Só publicando o que vamos desenvolver podemos mostrar a todos se somos capazes ou não de o concretizar. Quantas vezes ao observarmos uma colecção sem plano não estaremos a interpretar mal a ideia que oleccionador teve quando a organizou?

Achamos pois que o fim principal de uma temática é desenvolver uma tese — TEMA — através dos selos, de tal maneira que a ideia orientadora tenha sempre sequência e se saiba em qualquer

ponto da colecção o que o coleccionador nos queria dizer.

Deve-se apenas coleccionar um selo de cada espécie quando variarem só nas taxas, evitando desta maneira não só que uma colecção extensa se torne fastidiosa para quem a vê, mas também que a própria ideia orientadora se perca com as séries completas de selos com o mesmo motivo.

Este critério não prejudica o coleccionador pois mesmo sob o ponto de vista material, para quem tiver essa preocupação, está salvaguardado desde que guarde, em albuns à parte, o restante das séries que não aplicou.

Pormenorizando mais; se orientarmos a nossa colecção segundo o princípio que se devem coleccionar séries completas, verificamos que a cada passo temos de alterar a nossa orientação, porquanto há imensas séries cujos selos num determinado tema têm

de ser divididos por classificação e que noutras devem ser excluídos pois não cabem no nosso estudo.

Seguindo o caminho que achamos estar certo, isto é, colocar apenas um selo da série quanto têm o mesmo motivo, o coleccionador está sempre defendido de dúvidas e consequentemente de erros.

Não podemos deixar de chamar a atenção que este critério é pessoal. O regulamento não é concreto neste ponto como em muitos outros. Não proíbe nem aconselha uma ou outra orientação. Deixa à vontade e gosto de quem estuda um tema. Nós quando estamos a estudá-lo é que verificamos que não temos vantagem alguma em colocar séries e séries de selos iguais. Exemplificando: se escolhermos como tema animais, devemos procurar juntar o maior número de selos que possuam animais diferentes e não aqueles que pertençam todos à mesma família. A variedade de taxas nas colecções temáticas quase que não conta. São apenas um elemento de valorização. Podemos assentar em esco-

lher as mais valiosas para que amanhã, em competição, possamos reunir maior valor filatélico.

Há que ter um cuidado enorme no desenvolvimento do tema tentando tanto quanto possível estudá-lo não só em profundidade como em extensão. Extensão e Profundidade são duas coisas distintas, mas que se completam.

O regulamento diz que a colecção deve ser necessariamente acompanhada de textos explicativos com o que estamos plenamente de acordo. Contudo se o plano tiver sido bem apresentado os textos explicativos podem ser reduzidos só a pormenores de carácter técnico.

Se pretendermos elevar o nível da nossa colecção podemos juntar aos selos, sem alterar o tema, provas, erros, blocos, postais máximos, subscritos, e até... calculem... cartas préfilatélicas... Fazemos notar novamente que todas estas peças, no nosso critério, não são essenciais. Essencial é um tema bem desenvolvido. Tudo o resto é contrapeso para a balança na altura do julgamento.

### III — Colecções didácticas

O mesmo 1.º art.º diz que:

*é considerada como colecção didáctica uma colecção temática que constitua um estudo profundo dum assunto ou dum tema por meio de selos e de outros elementos. A colecção didáctica estuda o assunto e desenvolve o tema em todos os seus detalhes; tem um carácter educativo.*

Na colecção didáctica — que é uma temática aprofundada —

estuda-se o selo e o tema com o fim educativo. Assim podemos

fazer duma colecção de flores um tratado de Botânica ou de uma colecção de animais um tratado de Zoologia. Tem vantagens em ser estudada e desenvolvida principalmente por estudantes. Conseguem desta maneira tornar os seus estudos menos fastidiosos e portanto mais produtivos.

Pintores, músicos, romancistas, escultores, médicos, tudo relacionado com épocas em que viveram ou escolas a que pertencem,

são temas que se prestam para se aperfeiçoarem os conhecimentos adquiridos nos estabelecimentos de ensino.

Em nossa opinião, os professores deviam acarinhá-la esta ideia, facilitando aos seus alunos a construção destas colecções como meio acessório de ensino.

Porque não servirem-se da Filatelia para um melhor aproveitamento das aulas?

## **ARTIGO II — *O selo deve constituir o elemento principal e dominante de todas as colecções.***

Neste art.º somos de opinião que o coleccionador deve ler nas entrelinhas que é absolutamente proibido colocar recortes de jornais, gravuras, quadros, etc... O «deve» da alínea tem que ser uma obrigatoriedade. É inadmissível que se exponha uma colecção com qualquer dos elementos acima citados, só porque o regulamento parece não proibir.

Se o selo constitui o elemento principal e *dominante* de todas

as colecções pode-se e deve-se concluir que provas, ensaios, variedades, etc., são peças acessórias, o que vem confirmar a nossa opinião já atrás referida.

Assim uma colecção que assente só em provas não deve sequer ser classificada sob pena de não ser observada a alínea em questão. É contra a ética dos clássicos? Paciência! Estamos tratando de colecções Temáticas!..

## **ARTIGO III — *Os selos devem ser autênticos e em perfeito estado; as peças filatélicas devem ser autênticas.***

Embora este artigo não ofereça dúvidas não quero deixar de chamar a atenção dos leitores para a importância que tem o estado dos selos e a sua autenticidade. Há que pôr de lado selos descoloridos, com falta de

serrilhas, ou sobre que tenhamos dúvidas. É preferível, no nosso entender, ficar com menos meia dúzia de selos do que arriscarmos a expôr os que oferecem dúvidas e nos podem excluir dum possível boa classificação

O azulejo é um material cerâmico clássico. Duradouro, rico e brilhantemente decorativo, é também o mais limpo material de revestimento de paredes. A **Fábrica Alameda** produz azulejos da melhor qualidade

quer em exposições nacionais quer em internacionais. Cuidado com sobrecargas, perfurações, etc., que tanto podem ser de valorização como de desclassificação... Todos os colecionado-

res que possuam selos nestas condições devem estudá-los e munirem-se dos possíveis elementos para poderem provar a sua autenticidade perante um júri, se lhes for solicitado.

**ARTIGO IV** — *E' desejável que os selos usados tenham obliterações legíveis e limpas, maculando o menos possível o assunto que ilustra o selo.*

Este artigo é bastante lógico e creio que todos compreendemos perfeitamente bem o fim para que foi criado. E' inegável que uma participação em que se apresentem selos com carimbos carregadíssimos, tapando quase por completo o motivo do selo, não pode ser tão agradável à vista como aquela que embora com selos obliterados se teve o cui-

dado e a sensibilidade de se escolherem os menos atingidos.

O carimbo autentica e por vezes valoriza o selo mas quando o tapa completamente tira-lhe toda a beleza, o que vai colidir com a apresentação.

Há, pois, que ter um cuidado especial na escolha dos selos usados, tendo em mente a parte estética.

**ARTIGO V** — *E' recomendável não misturar selos novos com selos usados.*

Embora neste artigo o regulamento não defina bem se os selos se não devem misturar nas folhas ou nas colecções, pensamos que só se devem apresentar participações ou de selos usados ou de selos novos. Uma folha de selos novos e outra de selos usados seria de um efeito desastro-

so. E' claro que às vezes acontece que um selo obliterado tem mais valor do que um selo novo. Desta maneira devemos colocar o obliterado salientando o motivo da escolha, seguindo o mesmo critério para os erros e para as provas.

**ARTIGO VI** — *O desenvolvimento do plano e o conhecimento do tema devem aparecer claramente em toda a colecção temática e em toda a colecção didáctica.*

Com este artigo julgo que mais uma vez está confirmada a opinião que atrás deixei de que

apenas se deve coleccionar um selo de cada espécie. Só assim o desenvolvimento do tema se pode

compreender claramente sem sermos forçados a voltar atrás por se repetirem séries completas

com o mesmo motivo, o que nos leva a perder o fio à meada, como se costumava dizer.

**ARTIGO VII** — *Na colecção temática, é recomendável reduzir os textos a um mínimo necessário.*

Como mais uma vez o regulamento não é muito concreto pois aconselha a reduzir «os textos a um mínimo necessário» e este mínimo é muito relativo, somos de opinião que toda a colecção temática tem que possuir o seu plano onde se deve explicar por palavras o que mais adiante se desenvolve com os se-

los, incluindo uma folha em que nos seja dado não só o número de selos mas também o de folhas da colecção.

Assim, quando por qualquer motivo o coleccionador não conseguir expôr totalmente a sua colecção, todos ficarão melhor elucidados sobre o seu real valor o que é muito importante.

**ARTIGO VIII** — *Na colecção didáctica é recomendável reduzir a um mínimo necessário os elementos não filatélicos.*

O regulamento continua a não fazer proibições concretas mas a recomendar que se devem reduzir ao mínimo os elementos não filatélicos. Assim cabe a cada

coleccionador apelar para o seu bom senso e para a sua personalidade para achar exactamente qual será o necessário para o seu caso.

**ARTIGO IX** — *As colecções são julgadas por um júri que compreenderá especialistas destas colecções.*

Achamos que este artigo é bastante difícil de cumprir, porquanto não deve ser fácil conseguir um conjunto de pessoas que estejam à vontade dentro dos milhares de temas que se podem escolher.

Especialistas em Filatelia, dum maneira geral, são uma coisa, especialistas em temas, são outra. Assim, para apreciar uma colecção temática ou didáctica, entendemos que os júris devem ser compostos por filatelistas e por entendidos nos vários assuntos

de que as participações se compo-  
ponham.

Para facilitar esta tarefa devia ser organizada uma comissão de recepção que receberia as colecções com a antecedência que fosse necessária em relação ao seu número e que se encarregaria de em 1.º lugar julgar as colecções que podiam ou não ser admitidas e em 2.º arranjar os peritos para as matérias apresentadas, e que em colaboração com os filatelistas ajudariam a premiar.

**ARTIGO X — Para cotar as colecções o júri inspirar-se-á nos critérios seguintes :**

(1)	APRESENTAÇÃO			
		Impressão geral da colecção — 88		20
(2)	ASSUNTO ; MOTIVO, TEMA			
	a)	Para a colecção de assuntos ou de motivos : Grau de adiantamento da colecção (completo) Para a colecção temática ou didáctica : Conhecimento e desenvolvimento do tema	30	} 50
	b)	amplitude da colecção	15	
	c)	originalidade do assunto	5	
(3)	ELEMENTOS FILATÉLICOS			
	a)	Conhecimentos filatélicos	10	} 30
	b)	Peças filatélicas	10	
	c)	Estado e raridade dos selos e peças filatélicas	10	
			Total	100

Este artigo merece-nos uma referência especial pois é talvez o que melhor nos ajuda a defender o nosso ponto de vista. Desde o princípio deste estudo que temos tentado que todos compreendam que as colecções não clássicas são baseadas em princípios totalmente diferentes das clássicas. Assim já atrás deixámos dito que nas colecções temáticas, as provas, ensaios, raridades, etc., etc., têm apenas um valor muito relativo. Servem sobretudo para distinguir, já num grau muito elevado, duas colecções igualmente bem desenvolvidas.

As raridades filatélicas que nas colecções clássicas têm um valor incomensurável nas temáticas valem 10 pontos. Verifica-se que as colecções temáticas são acessíveis a todas as bolsas não acontecendo o mesmo com as clássicas. Com algumas centenas de escudos já se pode organizar uma temática e aspirar a um bom

prémio desde que haja o cuidado de a estruturar bem e escolher um tema original. A ausência de selos caros não causam muito dano. Se observarmos com olhos de ver as cotações das colecções temáticas tiramos as conclusões necessárias para deixarmos de andar tão confusos como até aqui.

Quem começar a organizar a sua temática pode basear-se no art.º 10.º pois estamos convencidos que sabe exactamente qual o caminho que há-de seguir, para conseguir um bom prémio numa exposição a que concorra, e não ser que o júri não se oriente por este artigo.

Há que ter em vista o grau de adiantamento, para as colecções de motivos — número de selos — pois esta alínea vale 30 pontos.

Para as temáticas e didácticas temos que nos preocupar com o conhecimento e desenvolvimento do tema pois são igualmente 30 pontos. Para a amplitude da colec-

ção e para a originalidade do tema contamos com 20 pontos. Está assim na nossa mão saber-mos escolher o tema não nos queixando depois que existem poucos selos e somos obrigados a colocar séries completas. E depois de tudo isto restam-nos apenas 30 pontos para distribuir

por conhecimentos e peças filatélicas e para o estado ou raridade dos selos.

Mais uma vez fazemos notar, desculpem a insistência, que tudo que valoriza uma colecção clássica tem na colecção temática uma minoria de pontos.

**ARTIGO XI — *As recompensas — medalhas ou equivalentes — a prever para estas colecções devem ser identicas na sua forma e no seu tamanho àquelas previstas para as outras classes mas serão dotadas da menção «Assunto e Tema».***

Pouco ou nada temos a dizer como elucidação a este artigo. É claro e não suscita dúvidas. Estou convencida que para um verdadeiro coleccionador, para aquele que coleciona com amor, este artigo é o que menos interessa. Medalhas de ouro ou

de prata, diplomas ou qualquer outro prémio não são o que satisfazem o coleccionador.

A satisfação máxima sente-se quando conseguimos imprimir algo de nós próprios à nossa colecção fazendo dela um pedacinho do nosso «Eu».

**ARTIGO XII — *São previstas as recompensas seguintes: ouro, vermeil, prata, bronze, diploma.***

	<i>Exposições Nac.</i>	<i>Exposições Int.</i>
ouro	90 %	95 %
vermeil	80 %	85 %
prata	70 %	75 %
bronze	60 %	55 %
diploma	50 %	55 %

**ARTIGO XIII — *A partir de 1966, serão admitidas nas exposições internacionais as colecções que tenham obtido, pelo menos, uma medalha de prata ou seu equivalente, numa exposição nacional.***

Terminamos aqui a nossa interpretação do regulamento. Aguardamos que os interessados se pronunciem, pedimos que critiquem, dando-nos a sua adesão ou o seu desacordo, para que todos unidos e continuando a

honrar bem o nome de Portugal possamos pedir esclarecimentos a quem de direito, demonstrando que temos uma personalidade e não andamos no Mundo por ver andar os outros.

**M. C. H.**

# com linhas de pontos

SÃO por demais conhecidas as obliterações postais com os números 1 e 52 com as barras paralelas substituídas por linhas de pontos, e que começaram a ser empregadas em 1858 em Lisboa e Porto.

Por serem exactamente as mais vulgares obliterações clássicas, elas figuram em todas as colecções de selos, mesmo que os seus possuidores não sejam marcofilistas.

Todos sabem existirem algumas variedades para cada um dos dois números, quer dizer — e empregando a terminologia filatélica — esta emissão de obliterações teve várias tiragens. Até há poucos anos, os filatelistas conheciam aquelas variedades pelas designações de algerismos (ou pontos) grandes e pequenos. Por vagas e imprecisas tais designações não permitem classificar e identificar as diferentes espécies que se encontram a inutilizar os nossos selos clássicos.

O Dr. António Fragoso acrescentou àqueles um novo elemento de classificação, contando de cima para

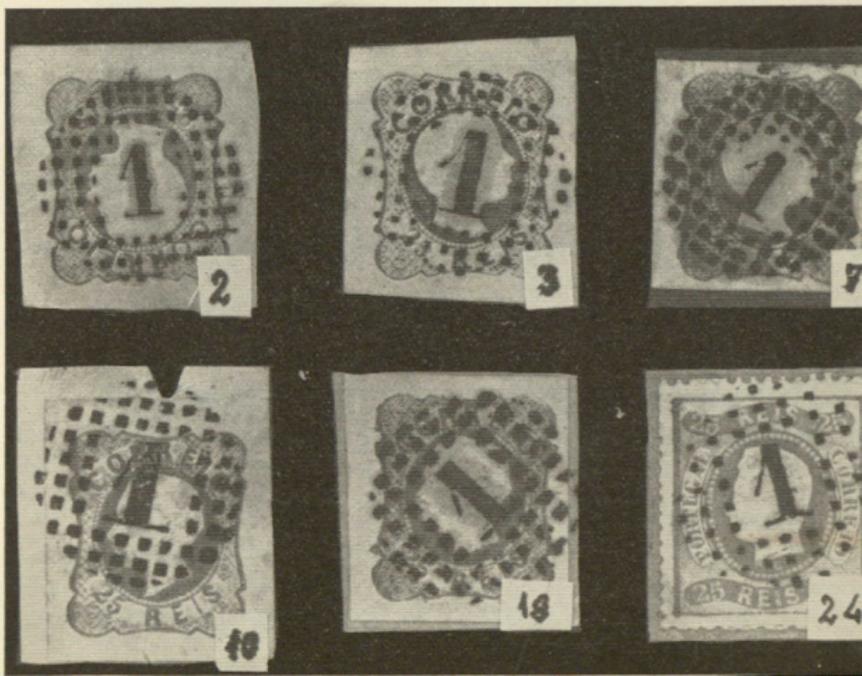


FIG. 1

baixo, as linhas contínuas e interrompidas de pontos, semelhantemente ao que estabeleceu para obliterações normais de linhas cheias.

Procedendo de idêntica forma em relação às linhas verticais, contadas da esquerda para a direita, junta-se novo elemento de identificação, que muito auxilia a definir as características das diferentes espécies.

Numa tentativa de inventariação de todas as variedades, com vista a uma futura catalogação, relacionam-se a seguir as espécies que conseguimos identificar, depois de medirmos os algarismos e as dimensões do retângulo interior, e solicitamos aos estimados confrades a comunicação da existência de qualquer uma não descrita.

( Fig. 1 )

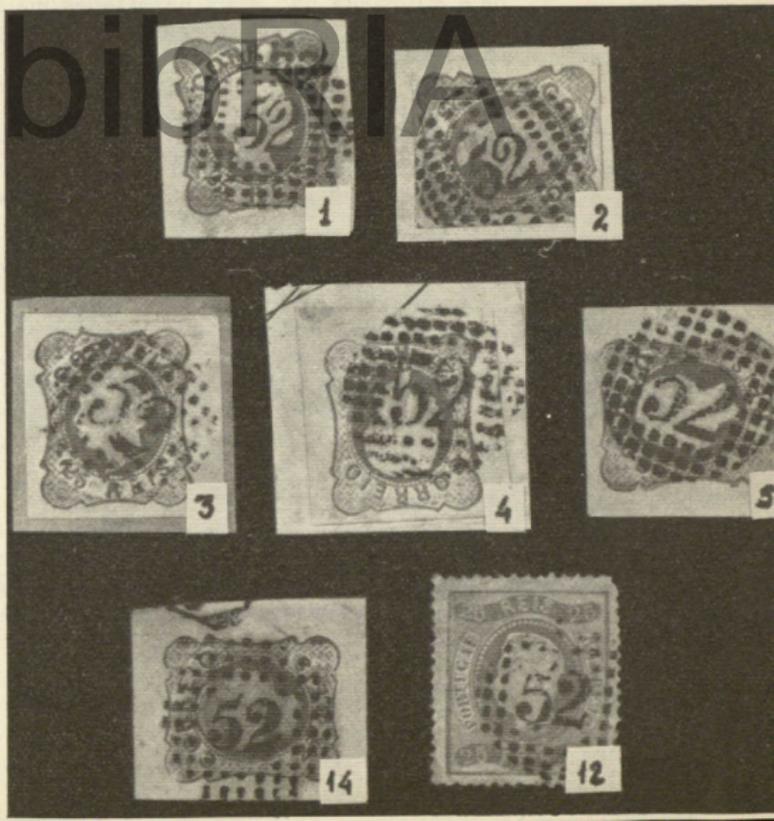
- N.º 1 —  $3/6/4 \times 4/4/4$   
 2 —  $3/5/3 \times 4/4/4$   
 3 —  $3/5/3 \times 3/5/3$   
 4 —  $3/5/3 \times 4/3/4$  — «1» c/ 8,2 mm e rect. c/8  $\times$  12,4  
 5 — «1» c/8,4 mm e rect. c/9  $\times$  12,8  
 6 — «1» c/ 8,6 mm e rect. c/9,2  $\times$  10,4  
 7 —  $4/4/3 \times 4/3/4$   
 8 —  $3/4/3 \times 3/4/3$  — «1» c/10 mm e rect. c/ 11  $\times$  11  
 9 — — «1» c/10 mm e rect. c/ 11  $\times$  11,8  
 10 — — «1» c/ 9,6 mm e rect. c/11  $\times$  11,6  
 11 — — «1» c/9,4 mm e rect. c/11,6  $\times$  11,6  
 12 —  $3/4/3 \times 3/3/3$  — «1» c 9,8 mm e rect. c/10  $\times$  11,4  
 13 — — «1» c/ 9,7 mm e rect. c/10,6  $\times$  11,6  
 14 — — «1» c/9,6 mm e rect. c/10,6  $\times$  11,2  
 15 — — «1» c/9,5 mm e rect. c/10,8  $\times$  11,4  
 16 — — «1» c/9,4 mm e rect. c/10,6  $\times$  11,6  
 17 — — «1» c/9,4 mm e rect. c/ 9,4  $\times$  11,4  
 18 — — «1» c/9,2 mm e rect. c/ 9,2  $\times$  11  
 19 — — «1» c/9,0 mm e rect. c 9,6  $\times$  11  
 20 — — «1» c/10,6 mm e rect. c/10,4  $\times$  11,8  
 21 — — «1» c/9,8 mm e rect. c/10,6  $\times$  12,2  
 22 — — «1» c/9,7 mm e rec. c/11  $\times$  12,8  
 23 — — «1» c/9,7 mm e rect. c/10,6  $\times$  12,2  
 24 — — «1» c/9,0 mm e rec. c/ 10  $\times$  11,4

(Fig. 2)

- N.º 1 — 4/6/4 × 3/6-5/3  
2 — 4 6/4 × 3/4/3  
3/5/3 × 3/5/3 — Algarismos grandes  
3 — «5» c/ haste inclinada  
4 — «5» c/ haste direita e barriga c/ 5.6 mm  
5 — «5» c/ haste direita e barriga c/ 6.2 mm  
3/5/3 × 3/5/3 — Algarismos pequenos  
6 — «2» c/ 6.75 mm e rect. c/ 12.8 × 12  
7 — «2» c/ 6.7 mm e rect. c/ 13 × 12.2  
8 — «2» c/ 7.6 mm e rect. c/ 12.2 × 12.2  
9 — «2» c/ 7.4 mm e rect. c/ 12.4 × 11.8  
10 — «2» c/ 7.4 mm e rect. c/ 12.2 × 12.2  
11 — «2» c/ 7.4 mm e rect. c/ 12.2 × 12  
12 — «2» c/ 7.4 mm e rect. c/ 12.4 × 12.2  
13 — «2» c/ 7.4 mm e rect. c/ 12.8 × 12.2  
14 — «2» c/ 7.2 mm e rect. c/ 12.6 × 12.2

Ignoram-se as datas da entrada em serviço de cada

FIG. 2



uma das variedades, supondo-se que algumas delas, ou todas, por alguns anos se conservaram simultaneamente em uso, pelo que a classificação apresentada obedeceu a um critério de simples sistematização, de certo modo inspirado na ordem cronológica dos selos em que as obliterações foram observadas.

Por igual se ignora a razão de ser de tantas variedades de carimbos simultaneamente em uso, podendo admitir-se, a tal respeito, algumas hipóteses mais ou menos aceitáveis. A importância das Administrações de Lisboa e Porto explica a existência de algumas variedades, mas pode supor-se que umas tantas das espécies estivessem particularmente afectas a certas manipulações postais, como registos, encomendas, etc.. Pode, por outro lado, admitir-se que cada uma das estações urbanas, então denominadas de «postos» e encarregadas da posta local, dispusessem duma marca privativa para a manipulação da correspondência ali entregue pelo expedidor. Finalmente, pode formular-se a hipótese, pouco aceitável, de algumas das espécies estarem ao serviço nas «Delegações». É dizemos pouco aceitável, por Lisboa não ter delegações e por do Porto dependerem 14; pelo que para a primeira não eram necessárias marcas e para a segunda cidade não era suficiente o número de espécies já identificadas.

Têm aqui a última palavra os coleccionadores de inteiros filatélicos e os arquivos oficiais.

**Alexandre Guedes de Magalhães**

**Tenente-Coronel**



Os produtos cerâmicos das FÁBRICAS JERÔNIMO PEREIRA CAMPOS, FILHOS, são ensaiados trimestralmente no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Assim se afirma o escrúpulo do seu fabrico que garante a qualidade dos seus produtos.

**E**STÁ ainda muito arreigada na imaginação do nosso povo a ideia de ter existido moeda de sola. Assim afirmamos porque, em determinada ocasião, por gente nova, juventude escolar, fomos interpelados sobre a existência daquela moeda, quando uma vez, e na melhor das intenções, falámos dos diferentes materiais de que ela é feita.

Claro está, baseando-nos nos mestres Teixeira de Aragão e Batalha Reis, e, como não podia deixar de ser, opinámos pela não existência de tal instrumento de troca.

Esta interpretação acicatou-nos a ideia de aprofundar mais o assunto e levar ao conhecimento do público, e de novo lembrar aos que se dedicam a esta actividade de investigação histórica, o parecer de escritores ilustres e de mestres consagrados.

Vamos começar por Aragão, transcrevendo da sua notável obra (Vol. I pág. 214), a propósito da moeda de D. João I, o que ele pensa sobre tal problema de numismática que, como se constata, tem preocupado a imaginação popular.

## NUMISMÁTICA

# As supostas moedas de sola de D. João I

por Arnaldo Brazão

À memória do consagrado numismata Tenente-Coronel António Elias Garcia

Assim fala Aragão:

« Neste reinado a moeda foi de tão ínfima qualidade, em relação ao valor decretado, que posteriormente chegaram a dizer haver sido fabricada de *SOLA* durante o cerco de Lisboa em 1348, e esta lenda monetária ainda foi afirmada no século passado por dois escritores notáveis ».

Como não acredita na sua existência logo seguidamente afirma:

« Fernão Lopes, que se pode considerar contemporâneo, descrevendo as moedas do mestre de Avis, não deixando de mencionar esta importante circunstância, se tivesse existido e muito mais que no seu tempo os exemplares deveriam ser em abundância. Viterbo escreveu um largo artigo demonstrando a inexactidão do facto, estribando-se principalmente na falta de documentos ».

Modernamente, o Dr. Pedro Batalha Reis na sua «Cartilha» (Vol. I, pág. 330, nota final), escreveu o seguinte:

«Convém neste passo recordar a alusão que alguns escritores antigos do século XVIII (v. g. José Soares da Silva na *Memória* para a História de D. João I e D. Francisco de Meneses, Conde da Ericeira, na Hist. Gen. Vol. IV) fazem referência à existência de *moedas de sola* fabricadas durante o cerco de Lisboa em 1383. Todavia, ainda que não fosse impossível ter acontecido, a verdade é que além de se não conhecer exemplar algum, não existe também a mais pequena referência nos cronistas do tempo que tão miudamente relatam os sucessos dessa época. Por isso que até prova em contrário se deve ter de remissa como fantasia de Soares da Silva a afirmação de moedas de sola em Portugal».

Mas este nosso trabalho, que parece ter pretensões de investigação histórica, e bem fracas pretensões elas são na verdade, não fica por aqui. Vamos dar aos nossos leitores, se porventura há quem tenha interesse pelo assunto em causa, mais alguns pareceres sobre um problema que ainda é palpitante, como salientamos.

Vejamos agora o que diz Viterbo no seu «Elucidário» (Tomo II, supl. pág. 50, nota) a este propósito:

«Mas ainda assim dizemos, que nunca El-Rei D. João I, nem ainda quando El-Rei de Castela cercou Lisboa, fez ou permitiu que se fizesse *Dinheiro de sola*».

Várias foram as razões apresentadas por Viterbo para justificar tão categórica afirmativa que resumidamente são as seguintes:

- 1) — Falta de documentos comprovativos de tal cunhagem de *dinheiro de sola*.
- 2) — não terem o cronista da época, Fernão Lopes e outros, feito a mais leve referência a tal espécie de dinheiro, embora fizessem minuciosas referências à falta de moeda e às providências tomadas para que não faltasse;

A Cerâmica é a indústria de todos os tempos e hoje a mais moderna na sua utilização e actualização técnica e aplicação prática. No campo decorativo as louças atingiram um nível de excepcional beleza e qualidade.

**A FÁBRICA ALELUIA produz louças que honram a velha e a moderna cerâmica**

- 3) — só passados três séculos é que dois autores se referiram àquela moeda de couro, aliás sem bases históricas (Soares da Silva e o Conde da Ericeira, D. Francisco de Meneses);
- 4) — a falta de qualquer exemplar nos museus, onde outras moedas existem, mesmo aquelas que foram proibidas de circular sobre graves penas para os seus detentores;
- 5) — serem pura fantasia certas afirmações de mentirosos e de enganadores;
- 6) — na sua lei de 1426, proíbe D. João I, sobe pena de prisão e açoutes, que alguém regeite a sua moeda *Crunhada* do seu *crunho* a não ser que seja feita de ferro, arame, latão, ou de outro *desvairado metal*, de que se não costuma fazer moedas nestes Reinos;

7) — o silêncio, quanto a moeda de couro, naquela disposição legal, é grande razão para crer que nunca existiu.

Mas, desde que salientamos aqueles escritores que se manifestaram claramente contra tal fabrico de moedas e, embora nós tenhamos seguido seus doutos pareceres, não é justo, assim o entendemos, deixar no olvido aqueles que pensam em contrário.

Se queremos encarar o problema à face da História, não podemos recusar-lhe lugar neste pleito. Os leitores que julguem afinal, e sigam as opiniões que melhor lhes parecerem, ou as que lhes mereçam maior crédito.

Nesta ordem de ideias damos a palavra a José Soares da Silva, respigando da sua *Memória para a História de D. João I*, (Tomo I, pág. 198) a seguinte passagem:

«... e tiveram tanto crédito suas leis, que há memória antiga, que afirma, que no sítio de Lisboa, consumida, a moeda que havia e faltando-lhe os metais de que fabricar outra, El-Rei a mandou fazer de sola, e ninguém duvidara aceitá-la, e enfim correrá, até que

depois ele mesmo a fizera reduzir a moeda corrente de ouro, prata e cobre ».

Na verdade Soares da Silva não fundamentou a sua opinião e, ao dizer *que há memória antiga*, disse bem pouco, ao que nos parece.

Mas, após este reparo, vejamos o que D. Francisco de Menezes, Conde de Ericeira, escreveu na sua *Memória do valor da moeda*, publicada no Tomo IV da História *Genealógica* de D. António Caetano de Sousa. A pág. 431 lê-se a seguinte passagem:

« ... *havendo Autor verdadeiro*, que diz, que El-Rei D. João I no sítio de Lisboa fez, que corresse moeda de sola, e em outros Reinos vimos nos nossos tempos, que corriam os escritos de Bancos e acções de Companhias, a que pode chamar-se Moeda de papel... ».

Como se vê, não foi o ilustre titular e escritor muito além de Soares da Silva. Não só não fundamentou a sua opinião, como se contentou com um vago. *Dis-se*, esse terrível *Dis-se* que tantas vezes serve para manter uma insidiosa mentira como para manifestar preguiça momentânea.

Pensamos, ao enfileirarmos com Viterbo, Teixeira de Aragão e Pedro Batalha Reis, ter ficado à sombra de boas e umbrosas árvores.

*Transcrito do Boletim «NVMMS», com a devida autorização da Sociedade Portuguesa Numismática.*



#### Opinião de um filatelista acerca do Restaurante GALO DE OURO

Belo como o selo do Milenário de Aveiro; cativante como o selo de Santa Joana, e atraente como o selo de \$40 — 1.º E. Costumes Portugueses, as sobremesas do Restaurante « GALO DE OURO » sobem aos « frutos » de S. Tomé e Príncipe. TELEFONE 23456



# da Filatelia

---

Orientação do

DR. ROMANO CALDEIRA CÂMARA

## bibRIA

*A* O escrever esta introdução à Filatelia, lembrei-me por associação de ideias, dos tempos já um pouco distantes em que comecei a coleccionar selos, e mentalmente, revi algumas dificuldades e erros cometidos, por falta de um conselho oportuno. Assim iniciarei esta introdução com alguns comentários acerca daquilo que deverão evitar ou que não será aconselhável fazer-se.

Os vários pontos que tentarei esclarecer serão:

- I) Dispersamento e Coleccionamento.  
Que selos deveremos coleccionar ?
- II) Selos novos ou usados ; Carimbos ; Variedades.  
Como preparar os selos usados e conservar os selos novos.
- III) Charneiras, tiras, pinças, lupas e filigranoscópios.
- IV) Folhas de Album e sua actualização ; Folhas soltas e quadriculadas . Apresentação das colecções.

- V) As trocas equitativas, e as compras de selos. A especialização.
- VI) A valorização dos selos ao longo dos anos; Selos clássicos e modernos; Selos vulgares e selos raros; As ilusões dos catálogos;
- VII) A dividir pelos vários capítulos; Conselhos práticos.

## I) Dispersamento e Coleccionamento

A tendência inicial de todo aquele que começa a coleccionar selos é normalmente a de arranjar todos os selos de todo o Mundo. Claro que esta tendência, cedo se revela pouco acertada, e, nada melhor há do que consultar qualquer catálogo de selos, mundial, para levar o pessimismo ao coração de qualquer filatelista, por mais optimista que ele seja. Em todo o Mundo existem umas boas e largas centenas de milhares de selos dos quais nem as mais importantes casas da especialidade tem em armazém mais de 60.%. Não quero dizer com isto que deveis rejeitar os selos que vos oferecerem, desde que estes não sirvam para a vossa colecção. Nada disso. Sempre que se trate de dádiva de selos, aceitai-os, pois que cedo ou tarde, tereis oportunidade de trocá-los por outros que tenham interesse para a vossa colecção.

Da minha experiência pessoal posso falar-vos um pouco, pois que comecei a trocar selos com todo o Mundo, ainda não tinha quinze anos. Inscrevi-me em dois Clubes Filatélicos estrangeiros, e recordo ainda, a espécie de encantamento que para mim representou, o receber a primeira carta de um longínquo país. Nesta altura da vida, ansiamos por conhecer mais vastos horizontes, e os selos representavam para mim, ilhéu de nascimento, o pretexto ideal. A breve trecho correspondia-me com vários países distantes e exóticos, e trocava activamente os selos da minha colecção de Portugal por outros da Turquia, do Japão, do Sião, das Ilhas Maurícias, etc..

Atrás do tempo, tempo veio, surgiu a segunda guerra mundial, e todos os núcleos de selos que arranjava, ficaram travados. Depois que a guerra findou, recomecei as trocas, mas desta vez limitei-me aos países europeus e mesmo assim acabei por arripiar caminho, pois que possuindo alguns núcleos bastante densos de selos, que formariam eventualmente um bom começo de colecção, contudo não os poderia jamais completar. E no completar uma colecção é que está a finalidade do coleccionamento. Assim drasticamente, vi-me forçado a coleccionar somente dois ou três países, tendo esta medida resultado plenamente.

Que país ou países deveremos coleccionar? A esta pergunta

não lhe posso responder concretamente. Depende inteiramente do leitor, dos seus gostos e das suas possibilidades. Para o ajudar, posso-lhe dar uma rápida vista panorâmica das várias correntes do colecionamento actual. Assim comecemos por Portugal. Existem cerca de 1000 selos emitidos, que fazem parte da colecção de Portugal, e dos quais poderá achar com relativa facilidade aproximadamente uns 300. Encontrará bastante dificuldade na obtenção de certas taxas de 2\$30, 3\$50, 4\$30, 6\$00 por exemplo nos selos modernos, isto no caso de selos usados, e não falando dos selos clássicos propriamente ditos de D. Maria, D. Pedro, D. Luiz, Provisórios, a 1.ª emissão de S. António, e um ou outro da emissão de Vasco da Gama, também encontrará dificuldades na obtenção de certas séries totalmente usadas, tais como as Independências de 1926, 1927, 1928, assim como alguns valores da série de Camilo Castelo Branco. Estas últimas séries que mencionei, encontram-se mais facilmente em novo. Salvo estes selos, todos os outros, com algumas excepções, poderá encontrar e adquirir-los ou por troca ou por compra em boas condições. A seu tempo abordaremos este ponto.

Ultramar português. Foram emitidos até agora aproximadamente cerca de 500 selos do correio normal, multa e correio aéreo.

Lógico será limitar-se inicialmente, a uma ou duas províncias ultramarinas, sendo Angola e Moçambique, aquelas que maiores facilidades dão aos novos colecionadores, pois que os seus selos aparecem com relativa facilidade. Mais tarde, quando possuir núcleos avançados, poderá então coleccionar as restantes províncias. Macau e Timor, em virtude do pouco movimento comercial que Portugal metropolitano tem com essas províncias apresentam consequentemente mais dificuldades quanto ao colecionamento de selos.

Estrangeiro: Há muito pouco interesse na Europa por selos das Repúblicas Sul Americanas, com excepção do Brasil (selos clássicos sobretudo) e quasi todos os países da Ásia e Oceania. Estados Unidos e Canadá são bastante procurados na Europa. Quanto à Africa será preciso tomar um certo cuidado quanto às emissões dos países que adquiriram muito recentemente. É preciso não correr muito, atrás das ideias que actualmente estão em voga de «Países Completos». Há muita especulação por parte dos governos dos países africanos, que querem à viva força arranjar

## A EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, L.D.A

passou em AGADIR, MARROCOS, uma moderna fábrica de CONSERVAS E FARINHA DE PEIXE

divisas à custa dos filatelistas incautos. Assim há agências comerciais em Nova York que tem o exclusivo da venda ao público dos selos de certos países africanos. E finalmente chegamos à Europa. Aqui o problema é diferente, quando se trata de países ocidentais, pois que quando se trata dos países da cortina de ferro já apresenta certa similitude com os países africanos, isto no capítulo de divisas. Assim há muito pouca procura nos grandes mercados europeus de selos de países tais como Checoslováquia, Alemanha Oriental, Roménia, Bulgária, etc., pois que a excessiva ingerência dos governos desses países sobre os filatelistas e as suas trocas com o estrangeiro levaram o desinteresse à grande maioria dos coleccionadores europeus. Um destes países contudo tem conseguido manter um certo prestígio e procura devido à extraordinária beleza dos seus selos, refiro-me à Hungria é claro.

Na restante Europa, tudo se colecciona e tudo se procura afinadamente tal como, os selos da França, da Bélgica, do Luxemburgo, da Austria, da Itália, da Inglaterra, de S. Marino, do Mónaco, da Espanha, da Alemanha Ocidental, da Suíça que possui selos de grande atractivo, finalizando esta lista com a Noruega, a Dinamarca e a Holanda.

Em Portugal existe grande procura de selos da França, Suíça, Itália e Inglaterra e em menor escala, Mónaco, Holanda e Alemanha Ocidental.

Vamos abordar muito rapidamente o coleccionamento temático. Há uns anos atrás começou o coleccionamento chamado temático, e que constava essencialmente do coleccionamento de selos de um dado tema. Assim os novos coleccionadores encontraram na filatelia, mais um motivo aliciante. Passou a procurar-se por exemplo todos os selos que mostrassem animais, ou plantas, obras de arte, quadros, desportos, ou outro qualquer assunto, e surgiram assim colecções que deleitavam o espírito de qualquer indivíduo mesmo que não fosse coleccionador.

Existem os temas mais extravagantes, desde o Xadrês ao Petróleo, passando por dezenas de outros. Qualquer um pode encontrar o tema que melhor lhe agrade e desenvolvê-lo, a seu belo prazer, e isto foi o maior incentivo de coleccionamento temático. E agora para finalizar, um bom conselho prático: Se adquirir uma série de vários valores e motivos diferentes, dos quais só lhe interesse um ou dois selos de toda a série, nunca se desfaça dos restantes selos por troca, pois que mais tarde se deixar de lhe interessar a sua colecção por qualquer motivo ou tiver que a vender, poderá apresentar as séries completas e não selos desirmadados de uma série. Todos os selos que acima referi, isto é, que não façam parte do tema, deverão ser colocados à parte, por exemplo nas páginas finais do seu album.

Para o próximo mês de Julho pensam os C.T.T. poder, enfim, emitir uma série de selos que à longo tempo vêm sendo estudados e preparados.

Trata-se da série, de « S. Vicente de Paulo », que tem como fundo um baixo relevo da escultora Flávia Mansarás. Terão os valores de \$20, 1\$00, 2\$80 e 5\$00.

■ No mês seguinte, 13 de Agosto, sairá então a série comemorativa do « 8.º Centenário da Ordem Militar de Aviz ».

Os selos são de desenho de Cândido da Costa Pinto, o autor da série do Centenário da Conferência Postal de Paris, o que nos dá a certeza de ser uma colecção bem delineada. Terão por valores, 1\$00, 1\$50 e 2\$50.

■ No passado dia 27 de Maio foi inaugurada a « I Exposição Filatélica Nacional das Sociedades de Cultura e Recreio, levada a efeito pela incansável Academia de Santo Amaro.

Este certame que chamou uma grande massa de expositores, atraiu a atenção de todo o Filatélismo Nacional, merecerá de « SELOS & MOEDAS » uma reportagem especial quando da saída do n.º 4.

Em «Notes da Redacção» deste número, damos já a classificação oficial da Exposição.

■ Nos dias 7 a 16 de Setembro, vai realizar-se, mais uma vez, uma das maiores Exposições Mundiais de Selos: ISTAMBUL — 63.

Ela terá o patrocínio da F. I. P. e conlerá o Congresso da Federação Internacional de Filatelia nos seus últimos quatro dias.

■ S. Pedro do Sul, surgindo no Filatélismo Nacional, por obra de um devotado e dedicado filatelista, senhor Arlindo Carvelhas, vai incluir no programa das suas Festas, de 14 a 22 de Julho, a « I Exposição de Divulgação Filatélica de S. Pedro do Sul » que, concerteza, marcará o início do desenvolvimento progressivo da Filatelia naquela zona do Vale do Vouga.

Os interessados deverão dirigir-se, para maiores esclarecimentos, àquele filatelista.

■ Chega-nos a notícia, publicada pelo Diário Popular, de que o Director Geral dos Correios de Inglaterra, deliberou mandar emitir em 1964, uma série especial de selos postais, destinados a comemorar o « 4.º Centenário do Nascimento de William Shakespeare ».

■ Como já deve ser do conhecimento geral, realiza-se nos dias 1 a 8 de Setembro do corrente ano, em Bruxelas, a « Exposição Internacional de Aerofilatelia ».

Registamos com prazer que foi designado para Comissário da Exposição em Portugal, o distinto filatelista Sr. Capitão Lemos da Silveira, a quem se devem dirigir todos os interessados sobre os pormenores daquele certame.

# ECOS &

# NOVIDADES

Dr. Jorge de Melo Vieira

JEMOS, de tempos a tempos, a ideia de que houve na filatelia uma paragem, um retrocesso que pode conduzir ao seu

desaparecimento mas, se bem nos dermos conta, trata-se apenas de miragem e, miragem enganadora.

Pode dizer-se que em filatelia, estas paragens quase são desejáveis ou mesmo necessárias, pois temos verificado que o período que se lhes segue é sempre de grande actividade e de rejuvenescimento.

Há 40 anos que andamos metido nos meandros da filatelia e, por mais de uma centena de vezes que, comerciantes e coleccionadores, nos têm dito, embora com reserva mental ou fraca convicção, que as coisas correm mal; mas, falam assim porque atravessam um período de fracas vendas e estão habituados a vender muito; outros porque se sentem especulados e crêm que a especulação mata a sua bolsa e a filatelia. Existem, também, os que são filatelistas para fazerem figura, concorrendo às exposições e esses têm a opinião de que não vale a pena coleccionar porque os prémios vão sempre parar aos outros e sempre aos mesmos, os quais conseguiram, no bom tempo, preços que hoje é impossível obter, por que não aparecem ou porque a sua fraca bolsa lhes não possibilita a sua aquisição.

Como já referimos andamos metido na filatelia há 40 anos, temos visto dezenas de boas colecções ou talvez centenas e todos os dias nos aparecem peças filatélicas que nunca antes tivéramos visto e daquelas que dão interesse a uma colecção tornando-a diferente e valorizando-a: — as variedades, as nuances, as provas, os erros, os ensaios, os papéis e denteados não catalogados, nem conhecidos e outras especialidades mais, necessárias a quem especializa para estudar ou valorizar.

Ao contrário, pois, do que esses pessimistas dizem ou pensam, temos verificado que, após essas paragens, que serviram para o coleccionador proceder à montagem dos selos em folhas mais adequadas, para buscar, outros fornecedores de selos, por os anteriores já não possuírem peças que lhe interessem ou serem em condições desvantajosas, ou porque, simplesmente resolveu estudar maduramente a

DÊ-SE LUGAR  
AOS \_\_\_\_\_  
NOVOS

sua colecção para lhe imprimir novo rumo, vem um período de intensa actividade no desenvolvimento do qual as exposições são de importância imensa por ser nato no homem medir forças com o seu semelhante mostrando o seu valor, seja no que fôr, em busca de novos louros.

Porque nunca tivemos a preocupação de coleccionar para expôr e temos sempre procurado, isso sim, buscar no coleccionamento cultura e refugio para as horas de tédio e também o desenvolvimento da filatelia, ainda que para tanto tenhamos de procurar peças para engrandecimento de colecções alheias, estamos perfeitamente à vontade para lhes falar como falamos. E os filatelistas de Aveiro que mais de perto nos conhecem, sabem perfeitamente que assim é e nós, que eles nos farão justiça.

Há dias vieram-nos com a nova de que ia fazer-se uma exposição em que haveria medalhas de «ouro autêntico»!... mas, apenas para os concorrentes que, obtendo na competição ou classe de honra tal galardão, as quizessem comprar!... indicando-se, até, o seu peso e preço e que, por ser pequena a sua emissão, logo se valorizariam.

Não pudemos acreditar. A crítica fazia-se-nos no sentido de que se os factos se passavam assim era porque, certamente, quem tal deliberação tomava sabia que lhe caberia medalha de ouro e, como a organização deverá ter poucos fundos (o que não era exacto), as não podia entregar naquele metal mas, como existiam os cunhos, os que obtivessem medalha de ouro, por serem pessoas, abastadas, as pagariam, só para se dizerem possuidores de medalhas de ouro, dado que muitas pessoas se alimentam de vaidades.

Ora, em prol da filatelia Lusíada, pelo caminho que as coisas estão a levar, (em que são praticamente sempre os mesmos a concorrer às exposições, com as mesmas participações já honrosamente classificadas e os novos não se aventuram, por temerem fazer má figura e não tirarem da competição qualquer vantagem) verifica-se que a filatelia não progride e isso nos leva a fazer as considerações que se seguem na esperança de que nos leiam e algo se consiga de melhoria em assunto de tanta monta e oportunidade, segundo cremos, pois estão na brecha exposições a que vale a pena concorrer.

Assim, ousamos dizer-lhes o que pensamos que a

Federação Portuguesa de Filatelia deveria estabelecer para que a nossa filatelia tivesse progresso mais acentuado :

1 — Que a participação que numa exposição nacional tivesse obtido grande prémio não pudesse em exposição de escalão inferior, entrar em competição durante determinado período de tempo mas apenas, ser apresentada na classe de honra ou à margem dessa competição, «hors concours» ;

2 — Que a participação duas vezes medalhada com ouro em exposição nacional ou três em exposição de escalão inferior, só pudesse ser apresentada na classe de honra ou «à latere» da competição, durante determinado lapso de tempo ;

3 — Que em todas as exposições — e isto é de imenso interesse — a par da «classe senior», houvesse a «classe junior», regulamentada nos termos em que a F. I. P. recentemente a regulamentou ; e

4 — Que nas exposições não nacionais as medalhas fossem todas iguais, isto é, do mesmo metal, — medalhas de participação, — fazendo-se não uma classificação de valores pelo júri, «à posterior» mas, antecipadamente, de selecção, por uma comissão de admissão competente.

Fazemos estas sugestões por estarmos crentes de elas em muito podem contribuir para o desenvolvimento da nossa filatelia, agora a entrar no bom caminho, e para estímulo dos novos.



a EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, LIMITADA, é uma das maiores organizações de pesca do país, tendo ao seu serviço 1.050 empregados, operários e pescadores.

# MAN CO LIS MO

---

*Tal como havíamos prometido no número anterior, passamos hoje a inserir nestas páginas os nomes dos nossos sócios interessados na troca de SELÓS ou MOEDAS, assim como em todo o intercâmbio possível nestas modalidades de colecção.*

*Por agora temos:*

- *Angel Marchena Pérez — Ayuntamiento — Cáceres — Espanha*
  - *Deseja pôr-se em contacto com qualquer filatelista, sócio desta Secção.*
- *Otero Augusto Lucas — R. 5 de Outubro — Sabugal*
  - *Troca selos novos de Portugal Continental, Angola e França.*
- *Manuel Gonçalves Rios — Camarin de Jesus, 7 — Jaen — Espanha*
  - *Troca selos de Espanha a Colónias, ou outros países, por selos de Portugal e Províncias Ultramarinas.*
- *Manuel Joaquim Gabriel — Couço*
  - *Troca selos de Portugal e Províncias Ultramarinas, novos e usados.*
- *José Maria Soler Carbonell — Ramón Albó, 78-3.º 1.º — Barcelona 16 — Espanha*
  - *Deseja pôr-se em contacto com qualquer filatelista, sócio desta secção.*

A cozinha do RESTAURANTE «GALO DE OURO» prepara os pratos regionais que o turista deve apreciar. Se passar em Aveiro, entre no Restaurante «GALO DE OURO»; o aroma dos seus cozinhados obrigá-lo-á a jantar. TRAVESSA DO MERCADO - TELEFONE 23456.

# OS ÚLTIMOS SELOS

## METRÓPOLE

### 1) — Emissão comemorativa da Luta Contra a Fome



Foi esta emissão sugerida pela U. P. U. e logo o nosso Governo acedeu ao seu pedido criando esta coleção comemorativa que, tal como todas as outras dos restantes Países que aderiram a esta Campanha, tem como fundo base as espigas de trigo.

Elas representam o desejo de todo o Mundo em combater esse grande problema que é a fome que avassala multidões espalhadas pelos quatro cantos da terra. Todos unidos poderemos, assim, mitigar um pouco os padecimentos daqueles que lutam pela sobrevivência, devido à pouca alimentação que conseguem obter.

A emissão consta de 3 selos da autoria do pintor João Abel Manta, com as dimensões de 34,5 × 23,7 m/m, compreendendo a serrilha, e o dotado 13,5.

Foram impressos na Casa da Moeda, em off-set, pelas seguintes quantidades:

1800	.	.	.	.	8.000.000
3830	.	.	.	.	1.000.000
3850	.	.	.	.	1.000.000

### 2) — «Centenário da Conferência Postal Multilateral de Paris — 1963»

Em 7 do passado mês de Maio foi posta a circular esta bonita coleção de selos, compostos por 3 valores (1800—1850—1800), que os C. T. T. emitiram, a pedido da U. P. U., com o fim de comemorar a passagem do 100.º Aniversário daquela Conferência que teve como principal filio «... estudar os obstáculos que se opunham à facilidade e rapidez das relações postais e de definir os princípios gerais que deveriam servir de base às Convenções postais internacionais». (Da pagela dos C. T. T.).

Esta Conferência foi a inspiradora da Conferência de Berne de 1883 da qual nasceu a União Postal Universal.

Foi autor do desenho Cândido da Costa Pinto a quem apresentamos os nossos parabéns pelo primoroso quadro que compõe o selo.

Têm as dimensões de 40,6 × 22,1 e foram impressos em off-set, pela Casa da Moeda, nas seguintes quantidades:

1800	.	.	.	.	7.000.000
1850	.	.	.	.	1.500.000
1800	.	.	.	.	1.500.000



## ULTRAMAR

### 1) — «2.º Centenário do Município do Moçambique»

O Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação na província de Moçambique, um selo comemorativo da passagem daquele aniversário, que tem como motivo principal a estátua de Vasco da Gama erigida na capital daquela Província Ultramarina, e o Escudo de Armas da mesma.

O selo, da taxa de 3800 (emissão de 500.000 exemplares), tem as dimensões de 25 × 35 m/m e foi impresso nas cores vermelho, azul oriente, cinzento amarelo, preto, ouro e prata.

A confecção coube à Tipografia Maia, do Porto.

### 2) — Escudos das Armas das cidades e vilas da Província de Angola

Ainda no mês de Maio, emitiu o Ministério do Ultramar, mais uma série de 19 selos postais, tendo como motivos os Escudos das Armas das cidades e vilas da Província de Angola:

Cidade de S. Paulo da Assunção de Luanda (1805) — Vila de Massango (810) — Vila de Muxima (830) — Cidade de Carmona (850) — Cidade de Salazar (1800) — Cidade de Malange (1850) — Cidade de Henrique de Carvalho (2800) — Cidade de Moçâmedes (2850) — Cidade de Novo Redondo (3800) — Cidade de S. Salvador do Congo (3860) — Cidade do Luso (3800) — Cidade de S. Filipe de Benguela (7850) — Cidade do Lobito (10800) — Cidade de Gabela (12850) — Cidade de Sá da Bandeira (15800) — Cidade de Silva Porto (17850) — Cidade Nova Lisboa (20800) — Cidade de Cabinda (22850) — Cidade de Serpa Pinto (30800).

Foram desenhados por José de Moura e impressos entre 5 e 10 cores na Casa da Moeda.

### 3) — 15.º Aniversário do Combate ao Gafanhoto Vermelho

No dia 17 deste mês vai ser ainda emitido pelo mesmo Ministério, um selo da taxa de 2850 em comemoração do «15.º Aniversário do Serviço Internacional para o Combate ao Gafanhoto Vermelho».

Tem as dimensões de 25 × 35 m/m e foi impresso nas cores amarelo, ocre, verde esmeralda fraco e forte, vermelho salmão, sépia, rosa, azul e carmim, sendo posto a circular na altura em que em Nova Lisboa (Angola), se realiza a 15.ª reunião daquele Organismo.



# OS ÚLTIMOS SELOS

## METRÓPOLE

### 1) — Emissão comemorativa da Luta Contra a Fome



Foi esta emissão sugerida pela U. P. U. e logo o nosso Governo acedeu ao seu pedido criando esta coleção comemorativa que, tal como todas as outras dos restantes Países que aderiram a esta Campanha, tem como fundo base as espigas de trigo.

Elas representam o desejo de todo o Mundo em combater esse grande problema que é a fome que avassala multidões espalhadas pelos quatro cantos da terra. Todos unidos poderemos, assim, mitigar um pouco os padecimentos daqueles que lutam pela sobrevivência, devido à pouca alimentação que conseguem obter.

A emissão consta de 3 selos da autoria do pintor João Abel Manta, com as dimensões de 34,5 × 23,7 m/m, compreendendo a serrilha, e o dotado 13,5.

Foram impressos na Casa da Moeda, em off-set, pelas seguintes quantidades:

1800	.	.	.	.	8.000.000
3830	.	.	.	.	1.000.000
3850	.	.	.	.	1.000.000

### 2) — «Centenário da Conferência Postal Multilateral de Paris — 1963»

Em 7 do passado mês de Maio foi posta a circular esta bonita coleção de selos, compostos por 3 valores (1800—1850—1800), que os C. T. T. emitiram, a pedido da U. P. U., com o fim de comemorar a passagem do 100.º Aniversário daquela Conferência que teve como principal filio «... estudar os obstáculos que se opunham à facilidade e rapidez das relações postais e de definir os princípios gerais que deveriam servir de base às Convenções postais internacionais. (Da pagela dos C. T. T.).

Esta Conferência foi a inspiradora da Conferência de Berne de 1883 da qual nasceu a União Postal Universal.

Foi autor do desenho Cândido da Costa Pinto a quem apresentamos os nossos parabéns pelo primoroso quadro que compõe o selo.

Têm as dimensões de 40,6 × 22,1 e foram impressos em off-set, pela Casa da Moeda, nas seguintes quantidades:

1800	.	.	.	.	7.000.000
1850	.	.	.	.	1.500.000
1800	.	.	.	.	1.500.000



## ULTRAMAR

### 1) — «2.º Centenário do Município do Moçambique»

O Ministério do Ultramar mandou emitir e pôr em circulação na província de Moçambique, um selo comemorativo da passagem daquele aniversário, que tem como motivo principal a estátua de Vasco da Gama erigida na capital daquela Província Ultramarina, e o Escudo de Armas da mesma.

O selo, da taxa de 3800 (emissão de 500.000 exemplares), tem as dimensões de 25 × 35 m/m e foi impresso nas cores vermelho, azul oriente, cinzento amarelo, preto, ouro e prata.

A confecção coube à Tipografia Maia, do Porto.

### 2) — Escudos das Armas das cidades e vilas da Província de Angola

Ainda no mês de Maio, emitiu o Ministério do Ultramar, mais uma série de 19 selos postais, tendo como motivos os Escudos das Armas das cidades e vilas da Província de Angola:

Cidade de S. Paulo da Assunção de Luanda (805) — Vila de Massango (810) — Vila de Muxima (830) — Cidade de Carmona (850) — Cidade de Salazar (1800) — Cidade de Malange (1850) — Cidade de Henrique de Carvalho (2800) — Cidade de Moçâmedes (2850) — Cidade de Novo Redondo (3800) — Cidade de S. Salvador do Congo (3860) — Cidade do Luso (3800) — Cidade de S. Filipe de Benguela (7850) — Cidade do Lobito (10800) — Cidade de Gabela (12850) — Cidade de Sá da Bandeira (15800) — Cidade de Silva Porto (17850) — Cidade Nova Lisboa (20800) — Cidade de Cabinda (22850) — Cidade de Serpa Pinto (30800).

Foram desenhados por José de Moura e impressos entre 5 e 10 cores na Casa da Moeda.

### 3) — 15.º Aniversário do Combate ao Gafanhoto Vermelho

No dia 17 deste mês vai ser ainda emitido pelo mesmo Ministério, um selo da taxa de 2850 em comemoração do «15.º Aniversário do Serviço Internacional para o Combate ao Gafanhoto Vermelho».

Tem as dimensões de 25 × 35 m/m e foi impresso nas cores amarelo, ocre, verde esmeralda fraco e forte, vermelho salmão, sépia, rosa, azul e carmim, sendo posto a circular na altura em que em Nova Lisboa (Angola), se realiza a 15.ª reunião daquele Organismo.



**Carimbos do 1.º dia de Circulação**



CAMPANHA MUNDIAL  
CONTRA A FOME  
(2 carimbos idênticos  
para Lisboa e Porto)



CENTENÁRIO DA CON-  
FERÊNCIA POSTAL DE  
PARIS (Outro carimbo  
p/ a Porto, cf a n.º 52)

**Carimbos Comemorativos**



I EXPOSIÇÃO FILATE-  
LICA DO ESTORIL



XXVI CAMPEONATO  
DA EUROPA DE  
HOQUEI EM PATINS



EXFINAR - 63



DIA DE S. GABRIEL  
(1 carimbo para cada  
capital das nossas Pro-  
víncias Ultramarinas)



DIA DA CIDADE DO  
LOBITO

# INTEIROS-POSTAIS

Resumo de uma conferência  
proferida no Porto, em Dezembro de 1962,  
a convite da

LIGA DE PROFILAXIA SOCIAL

**bibRIA**

PELO

EX.<sup>MO</sup> SR. PROFESSOR

*Doutor António Henrique Rodrigo  
de Oliveira Marques*

*Ilustre assistente da Faculdade de Letras de Lisboa*



O sr. Prof. Oliveira Marques proferindo a sua conferência, vendo-se ao fundo a Mesa da Presidência, da qual faziam parte:

**A' Direita** do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. António Emílio de Magalhães, Director da Liga de Proflexia, que presidiu à conferência; Armando Tavares, representando o Sr. Presidente da Câmara Municipal do Porto; Moraes Calado, Presidente da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos — Aveiro; Eng.<sup>o</sup> Paulo Seabra, da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos — Aveiro; Dr. Mário Cardia, Filho — Médico; Carlos Leitão, da Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos — Aveiro.

**A' Esquerda** — Tenente Coronel Alexandre Guedes de Magalhães — Inspector de Incêndios da Zona Norte; António Joaquim Correia Júnior, Presidente do Clube Internacional de Filatelia; Dr. António Fragoso — Médico; Eng.<sup>o</sup> Mário Kol de Alverenga, do grupo «Amigos do Porto»; Dr. Joaquim de Melos.

# Curriculum vitae Filatélico

do

*Ilustre Conferente*

## Publicações:

«História do Selo Postal Português» — vol. I (1853-1910) — Porto/Lisboa 1954; vol. II (1910-1943) — Porto/Lisboa 1958; vol. III (1943-1953) — no prelo.

«Ensaio e Provas de Selos Portugueses» — vol. I (1853-1910) — Lisboa 1959; vol. II (1910-1953) — no prelo.

Numerosos artigos de filatelia publicados nas revistas «Mercado Filatélico» e «Boletim do Clube Filatélico de Portugal» a partir de 1952.

## Participação em exposições filatélicas:

Lisboa 1953 — medalha de vermeil (com felicitações) — Secção de Literatura.

Porto 1955 — medalha de vermeil — Literatura; medalha de prata (com felicitações) — colecção de Inteiros Postais de Portugal e Colónias.

I Exposição Filatélica de Aveiro, 1959 — Secção de Literatura (fora de concurso) — diploma de participação (com felicitações).

Lisboa 1960 — diploma de medalha de ouro — Secção de Literatura; medalha de vermeil — colecção de Inteiros Postais de Portugal e Colónias; medalha de vermeil da Federação Portuguesa de Filatelia.

Praga 1955 — medalha de prata — Literatura.

Stockholmia 1955 — diploma de medalha de prata — Literatura.

Finlândia 1956 — diploma de medalha de prata — Literatura.

Interposta 1959 (Hamburgo) — medalha de prata — Literatura.

## Outras actividades filatélicas:

Um dos fundadores da Federação Portuguesa de Filatelia, em 1954; dentro da respectiva Direcção desempenhou os cargos de Secretário, Vogel e Vice-Presidente, em vários anos. Foi delegado do Clube Internacional de Filatelia ao Congresso.

# INTEIROS

por A. H. DE OLIVEIRA MARQUES

conferência proferida no Porto, por amável convite da Liga Portuguesa de  
Filatelia Social, em Dezembro de 1962

P  
O  
S  
T  
A  
I  
S

## 1 — Conceito de inteiro-Postal

Esta palestra ou conferência ou como lhe queiram chamar, tem um título talvez à primeira vista um pouco incompreensível: «INTEIROS-POSTAIS». No espírito de V. Ex.<sup>as</sup>, simultaneamente, surge a pergunta: o que é um *inteiro-postal*?

*Inteiro* entrou com esta aceção filatélica na língua portuguesa por via transpirinaica: vem do termo francês «entier» que por sua vez já vinha possivelmente do inglês «entire», e a que corresponde, em alemão, uma palavra idêntica «Ganzsache». No entanto a palavra *inteiro* não é galicismo; é um termo português autêntico e que vem do latim directamente: «integer, integra, integrum», (inteiro). Portanto nós podemos utilizá-la como bom português, como legítimo termo da nossa língua.

O que são *inteiros-postais*?

Vejamos a definição que um dos grandes mestres deste ramo da filatelia, o senhor Brigadeiro José da Cunha Lamas nos dá, no livro que muitos de V. Ex.<sup>as</sup> certamente conhecerão, o «Guia do Coleccionador de Selos Postais», editado por essa simpática figura do Comércio Filatélico e da Filatelia Portuguesa, que foi Artur de Vasconcelos:

*Inteiros-postais*, são «fórmulas que não necessitam que lhes sejam aplicados selos para circular pelo correio, quer porque são emitidas pelas Administrações dos Correios ou por particulares, mas apresentam o selo impresso nas próprias fórmulas, quer por serem usados por entidades ou organismos isentos do porte na sua correspondência e, nesse caso, têm qualquer indicação que autentica esse facto». (ob. cit., p. 68).

Se nós desdobrarmos esta definição em termos imediatamente inteligíveis a todos, vemos que se incluem na categoria de inteiros-postais:

a) os vulgares bilhetes postais emitidos pelo Correio, como por exemplo um bilhete postal de \$50, adquirido por qualquer de nós. São os mais frequentes.

b) Inteiros consideram-se também os sobrescritos. Não existem hoje em dia sobrescritos selados em Portugal. Encontramo-los, por exemplo, na Inglaterra.

c) Existem ainda as cintas estampilhadas ou bandas estampilhadas, que igualmente nunca foram usadas em Portugal. Circularam muito na Inglaterra e noutros países, como envólucros (onde se metiam jornais, por exemplo), que levavam impresso o selo correspondente ao porte do jornal.

d) Outros inteiros são os bilhetes-cartas que também não existem presentemente em Portugal, mas se editam com abundância no nosso Ultramar para o correio aéreo (levam até o irritante termo francês de «Aérogramme», que todos nós conhecemos e que uma das últimas convenções postais impôs obrigatoriamente às fórmulas desse tipo).

e) Ainda existem outros inteiros-postais como, por exemplo, os impressos selados para propaganda de casas comerciais mas que levam um selo impresso pelas autoridades competentes — os Correios.

f) Um tipo de impressos que entram dentro da categoria de inteiros-postais são os nossos conhecidos Autógrafos, que mandamos para desejar Boas Festas, no Natal ou na Páscoa, e que se adquirem em qualquer estação postal. Esses autógrafos não são de forma alguma telegramas: metemo-los nas caixas do correio e chegam ao seu destino como se fossem simples cartas embora não ostentem qualquer selo adesivo. E' assim o próprio autógrafo que tem valor postal.

Dentro dos bilhetes postais encontramos ainda sub-tipos: a) bilhetes postais de correio normal; b) bilhetes postais de porte franco. V. Ex.<sup>as</sup> que são, na maioria, filatelistas, sabem o que se entende por selos de porte franco: são, por exemplo, os selos da Cruz Vermelha Portuguesa, não estes que agora se vendem, mas os que há uns trinta ou vinte e tal anos se podiam adquirir e que a Cruz Vermelha utilizava normalmente na sua correspondência para autenticar a isenção de porte de que gozava. c) Existem também bilhetes postais particulares, por exemplo os que as firmas comerciais editavam, mandando imprimir o selo na

Casa da Moeda e depois utilizavam, quer para distribuir pelos clientes, quer para a sua própria correspondência.

Dentro da classe dos sobrescritos, da mesma forma encontramos: a) sobrescritos normais; b) sobrescritos de correio aéreo (esses existiram em Portugal em 1939-40, editando-se sobrescritos impressos com o selo de avião de 3\$50); e c) sobrescritos particulares.

Dentro dos bilhetes cartas temos igualmente: a) bilhetes cartas normais; b) bilhetes cartas de correio aéreo ou aerogramas; c) bilhetes cartas particulares; e d) bilhetes cartas de porte franco. Chamo a atenção de V. Ex.<sup>as</sup> para o último bilhete carta de porte franco, que foi emitido (e de que há já algumas dezenas de variedades), pelo Movimento Nacional Feminino para uso dos militares que estão no Ultramar. Esses bilhetes cartas podem adquirir-se facilmente na sede ou nas filiais do Movimento Nacional Feminino e são em absoluto colecionáveis pelos filatelistas.

Dentro dos impressos selados encontramos impressos de serviço, impressos oficiais de serviço, impressos de propaganda, etc.

## 2 — Origem dos inteiros postais

Qual a origem dos inteiros postais? Já muito antes da invenção do selo postal, em 1840, que podemos encontrar algumas fórmulas postais antepassadas dos inteiros. No fim do século XVIII, a Administração dos Correios de Viena de Austria, editou umas folhas de papel de carta e sobrescritos com meias folhas, com uma marca ou timbre especial, que indicava estar pago o porte. Outras tentativas, mais ou menos goradas, de fórmulas semelhantes, há a registar: muito curiosas são as editadas a partir de 1819 pelo Governo da Sardenha (conhecidas na gíria filatélica por *Cavallini* ou *Cavallotti*, por que tinham como timbre um cavalinho montado por uma figura que tocava uma corneta). A origem desses

Cavallini foi a seguinte: o serviço postal da Sardenha era lento e deficiente e muitos comerciantes, desejando receber depressa a sua correspondência, preferiam confiar o transporte a mensageiros particulares, mais frequentes e rápidos, apesar do monopólio concedido por lei à administração postal. Esta, para salvarguardar os seus interesses, mas ao mesmo tempo para respeitar os do público, deu a este a liberdade de escolher entre os correios do Estado e os dos particulares, desde que fosse usado um papel de carta especial, fabricado e vendido pela Administração dos Correios a três preços diferentes, consoante a distância do envio. O carimbo ou selo em branco do Estado é que representava esse cava-

Para as suas transações bancárias, para os seus depósitos, para os seus descontos e transferências, lembre-se: **Banco Regional de Aveiro**

linho montado por uma figura a tocar a corneta; o desenho era depois enquadrado por uma circunferência, um oval ou um octógono, consoante o valor, que se mencionava em baixo. Fizeram-se várias tiragens. Editou-se papel de carta selado, editaram-se sobrescritos, mas a breve trecho o Governo Sardo, com ou sem razão, entendeu que os serviços postais já estavam suficientemente desenvolvidos, melhorados e regularizados para poder retirar da circulação os cavallini, e o público foi novamente obrigado a confiar o transporte das cartas apenas à Administração dos Correios.

Na China, conhecem-se uns papeis de carta timbrados, com legendas muito curiosas, consoante fossem utilizados dentro do País ou com destino ao estrangeiro; os que circulavam no interior da China tinham a seguinte inscrição: « por meio de 3 sapecas pode esta carta passar em todas as provincias da China e só parar nas fronteiras do oceano »; os que se destinavam ao estrangeiro diziam: « por 10 sapecas pode esta carta atravessar todos os mares e grandes montanhas ». O período de vigência destes antepassados dos bilhetes cartas e dos bilhetes postais foi muito limitado.

Uma outra tentativa foi a que realizou, em 1838, a colónia inglesa da Nova Gales do Sul, editando sobrescritos selados para evitar que os carteiros tivessem de esperar pelo pagamento do porte (como V. Ex.<sup>as</sup> sabem, antes de 1840, quem pagava o porte das cartas era o destinatário e não o remetente; isso causava, por vezes, transtornos aos funcionários). Conhecem-se várias tentativas

goradas, em diversos países, até que finalmente, em 1840 na Inglaterra, Sir Rowland Hill, cria o famoso « Penny Post » ou seja, o correio de 1 penny, que foi aceite pelo parlamento, depois de uma luta muito forte travada com certos elementos da opposição e do próprio Governo. Na primeira proposta, apresentada em 1837, propunha-se ao Governo a adopção de três espécies de fórmulas de franquia: coberturas ou meias folhas de papel timbrado, sobrescritos selados e papel de carta timbrado. Levantou-se uma objecção curiosa no parlamento: as pessoas que costumavam enviar cartas por intermédio de criados que eram analfabetos, se a proposta fosse aprovada, não mais o poderiam fazer, visto que seria necessário preencher, no impresso vendido pela administração dos correios, o nome do destinatário. Rowland Hill respondeu facilmente à objecção criando um quarto tipo de fórmula postal, um rectângulozinho de papel que qualquer criado analfabeto podia comprar e colar sobre o invólucro que já viria preparado pelo remetente. Esse rectângulozinho de papel foi o selo postal adesivo. Aqui, nesta conferência, interessam-nos apenas os outros tipos que constaram da proposta inicial de Rowland Hill. Esses famosos papeis timbrados e sobrescritos timbrados ficaram conhecidos na história com o nome do desenhador, um dos grandes artistas da época que a Inglaterra teve, que foi William Mulready. O desenho destes sobrescritos, que constituíram a primeira emissão, era uma alegoria muito complicada com a figura da Britânia governando todo o mundo (estamos em 1840, não se esqueça...)

### 3 — Os primeiros « inteiros » emitidos

Foram estes os primeiros inteiros postais que o mundo conheceu. Retirados de curso pouco tempo depois, logo no ano seguinte a Inglaterra editou uma nova série de sobrescritos de tipo normal, sem qualquer desenho e com um selo impresso, ao tempo um selo da rainha Vitória. O exemplo britânico foi a breve trecho seguido por outros países: pela Rússia em 1845, pelo Cantão de Genebra também

em 1845, e depois por muitos outros, especialmente pelos estados alemães. A Alemanha, nessa época, não conhecia uma Administração Postal unificada. Cada governo — Prússia, Hannover, Bremen, etc. — editava as suas próprias fórmulas postais. Devem-se-lhes os primeiros envelopes estampilhados.

Vamos falar agora um pouco dos bilhetes postais, os mais importantes dos



# bibRIA

o primeiro bilhete postal português (1878)

inteiros. O criador dos bilhetes postais foi uma figura ilustre da história dos correios, uma figura que todos os filatelistas conhecem porque foi também o criador da União Postal Universal. Esse criador da União Postal Universal foi Heinrich Von Stephan que em 1874 lançou as bases da união que em breve viria abarcar todo o mundo.

Muito antes de se preocupar com a União Postal Universal, e quando era apenas um modesto funcionário dos correios da Prússia, teve Heinrich Von Stephan, em 1865, a ideia de substituir todos os trabalhos que normalmente exigia uma carta (dobrar a folha, meter a folha dentro do envelope, fechar o envelope, colocar-lhe um selo), arranjando uma folhazinha simples que seria selada pelos correios, e do outro lado da qual se escreveria o que se entendesse e não constituísse segredo para ninguém. A ideia

recebeu de início bom acolhimento e foi mesmo submetida a uma conferência postal que se realizou na Alemanha, em Karlsruhe. Depois, o projecto caiu no esquecimento durante algum tempo e só quatro anos mais tarde, na Áustria, é que surgiu um artigo de um professor de Economia defendendo num periódico a adopção dessa fórmula postal. Não sei ao certo se o articulista, o Dr. Emmanuel Hermann, confessava ou não que a ideia pertencia a outrem, mas praticamente toda a gente sabia que Von Stephan fora o primeiro a lançar o projecto. Hermann chamou à nova fórmula, que em breve seria posta em circulação, POST-KARTE, ou seja, em português, BILHETE POSTAL. A Post-Karte foi muito bem acolhida pelos Correios Austríacos que logo uns meses depois lançaram em circulação fórmulas postais em cartolina acastanhada, com a consistência duma carta de jogar.

As armas do Império Austríaco estavam impressas na parte superior, e o selo no lado direito com o título por cima em arco; depois, três linhas para o endereço. No entanto, o nome de Post-Karte não foi imediatamente aceite. Preferiu-se utilizar o termo Correspondenz-Karte, ou seja « bilhete correspondência », em vez de « bilhete postal ». O sucesso foi notável, foi estrondoso. A circulação dos bilhetes postais fez aumentar as receitas dos correios duma maneira extraordinária. Muita gente, com a nova fórmula, passou a comunicar mais à distância e, em breve, todos os países seguiram o exemplo da Áustria: primeiro os diversos estados alemães, depois a Inglaterra, seguidamente uma série de estados europeus e, menos de vinte anos mais tarde, estava o bilhete postal divulgado. O termo Post-Karte foi preferido dois ou três anos após, adoptado no Congresso dos países da U. P. U. (1878) e mantido até hoje.

Anos depois, surgiu a ideia do bilhete postal com resposta paga, ligando dois bilhetes postais, um para a nossa correspondência, e outro para a resposta da pessoa com quem queríamos comunicar.

#### 4 — O caso português

Os primeiros bilhetes-postais portugueses foram criados pelo Decreto de 31 de Outubro de 1877. Esse decreto estabelecia as taxas de 15 rs. e de 25 rs., para entrarem em circulação a partir de 1 de Janeiro seguinte. (15 rs. para a correspondência interior e 25 rs. para a correspondência destinada ao estrangeiro).

Os bilhetes postais de resposta paga foram muito usados nos fins do século XIX e nos princípios do actual. Hoje, a circulação destes bilhetes postais acha-se extraordinariamente limitada e restrita. O bilhete postal de resposta paga foi também ideia de Von Stephan, à época já Director dos Correios da Alemanha.

Uns anos mais tarde, surgiu o bilhete postal ilustrado, tão conhecido de todos nós. Em 1870, quando rebentou a guerra Franco-Prussiana, houve um patriota alemão que teve a ideia de enviar uma série de bilhetes-postais aos amigos colando na parte destinada à correspondência uma litografia com um soldado ou grupo de soldados prussianos. A ideia foi logo copiada e depressa as casas comerciais começavam a editar bilhetes-postais, com toda a sorte de ilustrações.

Seguiram-se as bandas ou cintas estampilhadas, a começar pela Inglaterra (1870), onde a circulação de jornais era maior. Finalmente, apareceram os cartões-postais, nome porque foram inicialmente conhecidos os bilhetes-cartas. Apareceram na Bélgica em 1882.

Posteriormente houve um regulamento que determinou a emissão de cintas estampilhadas (que nunca apareceram, de resto), e de sobrescritos estampilhados.

Realmente emitidos foram os bilhetes postais de 15 e 25 rs., depois os de resposta paga (15 + 15 rs.) e os sobrescritos de 25 e 50 rs.



O primeiro sobrescrito selado português (1878)

Os sobrescritos estampilhados desapareceram de Portugal nos princípios deste século. A última emissão foi a da República, em 1912. Com excepção dos de Correio Aéreo, a que me referi há pouco, nunca mais se editaram sobres-

critos em Portugal.

Os cartões-postais ou bilhetes-postais, criados em 1887, também desapareceram com a República (a não ser no caso dos aerogramas, das Províncias Ultramarinas) e só os bilhetes-postais permaneceram.

## 5 — A colecção de «inteiros-postais»

Por que motivo há tão poucos colecionadores de inteiros?

Em Portugal, talvez não excedam uma dúzia. Não conheço mais do que dez ou doze pessoas que colecionem bilhetes-postais, sobrescritos e outros inteiros.

Uma das razões principais é a falta de catálogos.

Para os selos, nós temos os catálogos, que todos os anos são editados. Para os inteiros postais isso não acontece.

Antigamente, todos os catálogos de selos incluíam uma secção de inteiros. Depois, por motivos que já vou focar, isso deixou de se fazer, o que trouxe a morte, digamos assim, ou pelo menos um golpe quase mortal, na colecção.

Há sem dúvida catálogos especiais, ou melhor, há um catálogo especial com várias edições. Esse catálogo é o catálogo do Dr. Ascher.

O Dr. Ascher foi um dos grandes filatelistas, colecionador de inteiros postais, que faleceu há uns dois anos em Israel. Era Judeu-alemão e teve de se exilar com a guerra.

Este catálogo foi editado pela 1.ª vez em 1924 (dois volumes). Fez-se uma nova edição em 1938 e, presentemente, está em curso desde 1956 uma última edição em fascículos, exactamente porque é muito difícil conseguir compradores para o volume completo. Está longe de concluído, pois ainda vai na letra D, estando a ser editado por países, por ordem alfabética. No entanto, é um catálogo em alemão, portanto difícil para todos aqueles que não conhecem o idioma. Não te-

mos catálogos de postais franceses, ou ingleses, a não ser de algumas especialidades.

Há também uma falta muito grande de revistas e de outra literatura filatélica. Existem por junto uns quatro jornais, melhor diria jornalecos sobre inteiros. «L'Entier-Postal» por exemplo, é um deles, mas são raras as pessoas que o possuem aqui em Portugal.

Há um outro periódico na Alemanha, «Die Ganssache», e poucos mais.

Depois, há falta de casas filatélicas onde se vendam e onde se comprem inteiros.

E' claro que tudo isto deriva, a meu ver, de um facto principal — a dificuldade na arrumação do inteiro. O inteiro é incómodo de coleccionar, ao contrário do selo; o selo é pequenino, arrumando-se facilmente, distribuindo-se facilmente sobre a superfície dum album, podendo nós colocar em cada folha de album até 10, 20, 30 selos. E quantos inteiros, quantos bilhetes-postais poderemos colocar na folha de um album que seja manuseável? Dois, três, quatro o máximo.

Por isso uma colecção grande abrange uma série enorme de albums.

E, eu chamo a atenção para o título desta conferência: — INTEIROS-POSTAIS —. É que realmente não podemos destacar nada desta fórmula de franquia.

Temos de a coleccionar inteira; não podemos cortar o selo, como infelizmente tantas pessoas fazem julgando que isso tem qualquer interesse e qualquer objectivo filatélico. Somos obrigados a colec-

Além de materiais para construção, produzem ainda as FÁBRICAS JERÓNIMO PEREIRA CAMPOS, FILHOS, loiça sanitária, doméstica e decorativa, branca e de cor, em grés fino (quase porcelana)

cionar o inteiro todo, pois só assim é que ele se pode considerar uma fórmula postal.

Ora, exactamente porque a área do inteiro correspondia a cerca de vinte vezes a área dos selos, é que no princípio deste século, ou já nos fins do século passado, houve muitos comerciantes que entenderam que o espaço ocupado por essas fórmulas de franquia no seu «stock» não compensava, de maneira nenhuma, a venda e, gradualmente, se foram desfazendo desses «stocks», e dedicando preferentemente aos selos.

Por sua vez os coleccionadores não pensaram de maneira diversa e acharam também excessivo o volume dos seus álbuns.

Surgiu ainda essa tese tão nociva de que o fundamental era apenas a colecção do indicativo da franquia e que, por conseguinte, o que interessava no inteiro era somente o selo.

Muita gente ocupou-se então a recortar, de cada sobrescrito ou bilhete, o respectivo selo postal, pois era fácil, neste caso, arrumá-lo no álbum.

É claro que, fazendo isto, a colecção dos inteiros perdia todo o interesse porque as suas franquias se mostravam geralmente iguais aos selos de correio e, portanto, o conjunto não passava de uma colecção em duplicado, destituída de interesse prático.

O problema subsiste: — como guardar os inteiros?

A maneira mais prática, sem dúvida, é o ficheiro.

Colocamos os inteiros uns atrás dos outros, como num ficheiro normal. Mas o que é cómodo para a arrumação não o é para exhibição.

Todo o coleccionador o que deseja é exhibir a sua colecção, ou vê-la ele próprio com facilidade. Em ficheiro torna-se difícil fazê-lo.

No entanto, as casas comerciais podiam facilmente arrumar os inteiros pelo sistema de ficheiro.

Existe também o processo do classificador, que permite sobrepor os inteiros, reduzindo assim o número de álbuns. Continua a não ser cómodo para exhibição.

Eu, apesar de todos os contras, ainda prefiro o álbum, e prefiro-o exibindo alguns bilhetes postais em toda a sua extensão e sobrepondo outros parcialmente quando diferem apenas pelo selo ou por um pormenor da composição. Isso permite uma grande economia de espaço.

É claro que certos inteiros têm sempre de ficar dobrados. E' o caso dos bilhetes postais de resposta paga. Também os sobrescritos têm em geral de se guardar dobrados. O mesmo sucede com os bilhetes-cartas.



## CARTÃO POSTAL

PARA

PORTUGAL E HESPAÑHA

O primeiro bilhete-  
-carta português  
(1887)

Há menos rigor na escolha de exemplares dos inteiros do que em relação aos selos. V. Ex.<sup>as</sup> sabem que o selo tem de ter, evidentemente, o denteado perfeito, não pode estar manchado nem adelgaçado, para ser colecionável.

Com o inteiro, o critério não é tão rigoroso. Pelas suas próprias dimensões, o bilhete postal ou o sobrescrito deterioram-se facilmente nos cantos, sujam-se ou mancham-se com a passagem do tempo. Ai de nós, colecionadores de inteiros, se tivéssemos de exigir para cada peça a frescura e a perfeição de um selo de correio novo! Seríamos obrigados a deitar para o lixo a parte mais valiosa das nossas colecções...

Apesar de tudo, estas desvantagens são bem compensadas pelo interesse ex-

traordinário que oferece uma colecção de «inteiros». Do ponto de vista histórico e educativo, esse interesse é tão grande ou maior do que o que suscita uma colecção de selos. Nos bilhetes postais comemorativos e ilustrados, o espaço ocupado por monumentos, costumes regionais, tipos étnicos, figuras célebres, etc., é, evidentemente, muito maior do que nos selos. No plano das artes gráficas e da evolução estética dos últimos cem anos, o «inteiro» oferece um interesse também muito superior. Por outro lado, sob o ponto de vista do coleccionador especializado, ainda o «inteiro» permite uma análise de longe maior, visto combinar a especialização possível no selo (cunhos, por exemplo) com a da composição da superfície do resto (dizeres, formato, cartolinas, etc.).

## 6 — Bibliografia

### a) Catálogos

- Dr. Ascher — *Grosser Ganzsachen Katalog* — vol. I e II — Leipzig 1924-28  
— Idem (mais raro e menos especializado) — edição 1938  
— Idem — edição do Berliner Ganzsachen Sammler Verein, 1957 ss.
- Kessler's Catalogue of Aerograms* — vol. I e II — Nova Iorque 1961 (a parte portuguesa foi redigida por José da Cunha Lemos e A. H. de Oliveira Marques).

em preparação:

Catálogo de Inteiros Postais de Portugal e Ultramar — por José da Cunha Lemos e A. H. de Oliveira Marques.  
(pronto mas à espera de editor).

### b) Literatura mais importante

- Carlos George — *Alguma Coisa sobre Portugal e suas Colónias (Einiges über Portugal und dessen Kolonien)*, trad. de Udo Schau, notas de José da Cunha Lemos, in «Mercado Filatélico», n.º 53 (Maio-Agosto 1952), pp. 332-333, 54 (Setembro-Outubro 1952), pp. 366-368 e 55 (Novembro-Dezembro 1952), pp. 392-394 e 409 (publicação original in *Festschrift zur Feier des 25. jährigen Bestehens des Berliner Ganzsachen-Sammler Vereins*, Berlin 1926, pp. 130-135).
- A. H. de Oliveira Marques — *O Renascimento na colecção de «Inteiros Postais»*, in «Mercado Filatélico», n.º 58 (Maio-Agosto 1953) pp. 556-557.  
— *Inteiros Postais de Macau*, in «Boletim do Clube Filatélico de Portugal, 1955.

José de Cunha Lamas — *Bilhetes-Postais de Portugal e Ilhas Adjacentes*, Administração Geral dos C. T. T., ed. dos Serviços Culturais dos C. T. T., Lisboa, 1952.

— «Os Inteiros», no *Guia do Coleccionador de Selos Postais*, por Artur O. de Vasconcelos, Porto 1953, pp. 68-78.

— *Uma Fórmula Postal quase desconhecida: o autógrafo*, in «Mercado Filatélico», n.º 58 (Maio-Agosto 1953), pp. 535 e 602.

— *Sobrescritos portugueses com selo de relevo*, in «Boletim do Clube Filatélico de Portugal», n.º 37-39 (Maio-Outubro 1953). Este artigo foi traduzido para francês e publicado na revista «L'Entier Postal», durante 1954.

— *Inteiros-Postais de Timor*, in «Boletim do Clube Filatélico de Portugal» n.º 57 (Fevereiro 1956).

— *Inteiros-postais da Índia Portuguesa*, ibidem, n.º 60 (Maio 1956).

— *Inteiros-postais das Províncias Ultramarinas de África*, ibidem, n.º 66 (Novembro 1956).

— *Os Inteiros utilizados como propaganda*, ibidem, n.º 80 (Janeiro-Fevereiro 1958) e n.º 81 (Março 1958).

— Aerogramas isentos de franquia (a publicar na revista «Mercado Filatélico»).

— Bilhetes-postais do Ultramar (1 volume).

— Inteiros-postais do Continente e Ultramar (1 vol.).

(estes dois volumes acham-se há vários anos concluídos: esperam editor...)

bibRIA



COMPANHIA AVEIRENSE DE MOAGENS

Rações BEIMAR \*

... não são apenas de subsistência  
A sua QUALIDADE cria RENDIMENTO.

\* BEIMAR: marca registada desde 1947.



# Selos & Moedas

REVISTA TRIMESTRAL DA

Secção Filatélica e Numismática do Clube dos Galitos  
Filiada na Federação Portuguesa de Filatelia  
Aveiro, 1 de Junho de 1963  
Ano 1 Número 3

FUNDADOR — *Morais Celado*

DIRECTOR — *Carlos da Rocha Leitão*

DIRECTOR ADJUNTO — *Eng. Paulo S. Ferreira*

EDITOR — *Manuel Pimenta Vieira*

ADMINISTRADOR — *José Henriques dos Santos*

CHEFE DA REDACÇÃO — *João Carlos de A. Correia de Almeida*

Redacção, Sede e Administração:  
CLUBE DOS GALITOS — AVEIRO

DISPENSADA DE CENSURA  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Composto e impresso nas oficinas da Gráfica  
do Vougo — Telefone 22746 — AVEIRO

# biblioteca *Svmário*

## REPORTAGEM

A 1 Exposição Filatélica de Hidouro

por *J. Campelo*

## OS NOVOS E A FILATELIA

por *Miguel P. Saraiva*

## FILATELIA TEMÁTICA

Apreciação do Regulamento

*D. Maria da Conceição Hernandez*

## AS OBLITERAÇÕES 1 E 52 COM LINHAS DE PONTOS

*Ten.-Coronel Alexandre Guedes de Magalhães*

## AS SUPOSTAS MOEDAS DE SOLA DE D. JOÃO I

por *Arnaldo Brazão*

## ABC DA FILATELIA

pele *Dr. Romano Caldeira Câmara*

## DÊ-SE LUGAR AOS NOVOS

pele *Dr. Jorge de Melo Vieira*

## INTEIROS-POSTAIS

conferência proferida pelo Prof.  
*Dr. A. H. de Oliveira Marques*

NOTAS DA REDACÇÃO ● ECOS & NOVI-  
DADES ● MANCOLISMO ● OS ÚL-  
TIMOS SELOS ● MARCOFILIA



# bibRIA



# Selos-Álbuns

Milhares de séries completas de Portugal, Ultramar e estrangeiro, classificadores, tiras Hawid, lista de preços grátis

CASA FUNDADA EM 1922

**Eládio de Santos**

Rua Bernardo de Lima, 27 — Tel. 49725

**LISBOA - 1**

## DOMINGOS DO SACRAMENTO MERCADO FILATÉLICO DE LISBOA

R. do Crucifixo, 26 - Telef. 32 48 91 - LISBOA - 2

---

SELOS E MATERIAL FILATÉLICO

---

Edições: Simões Ferreira  
Mercado Filatélico  
e Eládio de Santos

---

Circulares grátis em distribuição

# CASA A. MOLDER

RUA 1.º DEZEMBRO, 101-3.º  
LISBOA - 2

Telefone 21514

TUDO PARA FILATELIA

SELOS DE PORTUGAL E ULTRAMAR  
é a nossa grande especialidade

SELOS DE TODO O MUNDO PARA TODOS OS TEMAS

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE SELOS  
EM 15 VITRINES NO ATRIO DO RÉ-  
-DO-CHÃO E NO 3.º ANDAR (elevador)

EXECUÇÃO RÁPIDA DE PEDIDOS POR CORRESPONDÊNCIA

C O M P R A — V E N D A

# ***Senhores filatelistas***

Os Serviços Culturais dos CTT têm editado algumas obras de grande interesse filatélico entre as quais distinguimos:

## **100 Anos do Selo do Correio Português**

- por António Frago, Carlos Trincão, Oliveira Marques e Godofredo Ferreira, com a colaboração da Casa da Moeda, Casa Portuguesa e Museu Nacional de Arte Antiga, e direcção gráfica dos serviços artísticos dos CTT.

## **Catálogo da Exposição Filatélica Internacional**

## **Como se faz um Selo Postal**

- «Palestra profissional n.º 34» do Consultor Artístico Jaime Martins Barata.

## **A Estética do Selo Postal**

- «Palestra profissional n.º 45» pelo Mestre Gravador Aquiles Ouvre.

## **Estatuto do Selo Postal**

## ***Senhores filatelistas***

CONSULTEM OS SERVIÇOS DE FILATELIA DOS CTT NOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES E RECLAMAÇÕES, funcionando na sede da Administração Geral, na Rua de S. José, sobre as edições de selos postais, nomeadamente acerca de:

— **Selos existentes e à venda;**

— **Próximas edições e datas prováveis.**

INSCREVAM-SE GRATUITAMENTE NOS SERVIÇOS DO GABINETE DO CONSULTOR ARTÍSTICO DOS CTT, situados no edifício da Rua Sinel de Cordes, n.º 9, Lisboa 1, a fim de serem informados, através do envio de «páginas», das novas edições a aparecer.

# Barata das Neves

Rua da Trindade, 5-1.º Dt.º

LISBOA 2 — Portugal

POR CORRESPONDÊNCIA

## Biblioteca Filatélica

	Escudos	Peselos	Dollars
História do Selo Postal Português — I Parte . . . . .	60\$00	130,	2,20
» » » » » — II » . . . . .	60\$00	130,	2,20
Guia do colecionador de selos Postais . . . . .	60\$00	130,	2,20
Reimpressões — C. George . . . . .	50\$00	110	1,80
Estudo das Reimpressões — Cunha Lomes . . . . .	50\$00	110,	1,80
Iniciação Filatélica . . . . .	15\$00	35,	,55
Elementos para identificação dos Selos . . . . .	15\$00	35,	,55
Classificação dos Selos Tipo Ceres . . . . .	15\$00	35,	,55

## Catálogos Nacionais e Estrangeiros

YVERT — 1956 (3 volumes) . . . . .	80\$00	170,	2,90
1960 ( » » » ) . . . . .	120\$00	260,	4,40
1962 ( » » » ) . . . . .	150\$00	320,	5,40
1963 ( » » » ) . . . . .	320\$00	650,	11,50
MICHEL — 1956 (Europa 1 Volume) . . . . .	70\$00	160,	2,50
Itália e Colónias — 1961 (1 Volume) . . . . .	75\$00	165,	2,70
Scotts — 1962 (2 Volumes) . . . . .	70\$00	160,	2,50
<i>Simões Ferreira</i> : 1960 — Portugal e Ultramar . . . . .	15\$00	35,	,55
1962 — » » » . . . . .	22\$50	50,	,80
1963 — » » » . . . . .	35\$00	80,	1,30
<i>Eládio de Santos</i> : 1952 . . . . .	12\$50	28,	,45
1963 . . . . .	35\$00	80,	1,30
Preçário de Moedas Portuguesas de 1140 a 1640 . . . . .	150\$00	320,	5,40
Tratado de todos os Vice-Reis e Governadores da Índia — 1 Volume . . . . .	230\$00	500,	8,30
Catálogo de Cerimbo de Portugal e Ultramar (1959) . . . . .	15\$00	35,	,55

## Postais de vistas de Lisboa, Sintra, Estoril e Cascais

Postais coloridos a . . . . .	2\$50	6,	,10
Postais a preto ou sépia a . . . . .	1\$50	3,50	,06

## Materiais Filatélicos

### Discriminação

#### Cadernos para selos

P.1 — c/ 10 Fls. e casas para 100 selos — 1 caderno . . . . .	1\$80	4,	,07
---	-------	----	-----

P.1 — c/10 Fls. e casas para 100 selos — 10 cadernos .	15\$00	30,	0,55
L. S.1 — c/20 Fls. e casas para 200 selos — 1 caderno .	2\$00	5,	0,07
» — » » » » » » — 10 cadernos.	17\$50	35,	0,65
L. S.2 — c/20 Fls. e casas para 200 selos (fundo negro ou verde — 1 caderno .	2\$50	6,	0,10
10 cadernos . . . . .	22\$00	45,	0,80
L. S.3 — c/20 fls. — para séries completas 1 caderno .	2\$50	6,	0,10
» — » » » » » » 10 cadernos.	22\$00	45,	0,80
Livro Mancolista (A. F. E.) c/20 Fls. — 40 Mancolistas			
1 livro . . . . .	2\$00	5,	0,07
10 livros . . . . .	17\$00	35,	0,65
20 livros . . . . .	30\$00	60,	1,10

**Protectores Filatélicos**

A.1 — pacotes com 50 — 1 pacote . . . . .	6\$00	13,	0,25
» — » » » — 10 pacotes . . . . .	50\$00	100,	1,80
A.2 — » » » — 1 pacote . . . . .	7\$00	15,	0,25
» — » » » — 10 pacotes . . . . .	60\$00	120,	2,20
A.3 — » » » — 1 pacote . . . . .	8\$00	17,	0,30
» — » » » — 10 pacotes . . . . .	70\$00	140,	2,50

**Classificadores de Bolso**

B.1 — c/3 bandas . . . . .	1\$00	2,	0,04
B.2 — c/5 » . . . . .	1\$50	3,	0,06

**LETRAS**  
**bibRIA**

Pequenas a . . . . .	18\$50	35,	,70
Médias a . . . . .	35\$00	70,	1,30

**Pinças**

Alemãs a . . . . .	22\$50	45,	,85
Diversas a . . . . .	15\$00	30,	1,00

**Cantos para fotografia**

FAVORIT nas cores Dourado, Prateado ou transparente uma ( 1 ) caixa . . . . .	6\$00	15,	0,25
dez ( 10 ) caixas . . . . .	52\$00	115,	1,90
EUREKA nas cores Dourado, Prateado ou transparente uma ( 1 ) caixa . . . . .	4\$50	10,	0,18
dez ( 10 ) caixas . . . . .	40\$00	90,	1,50

**Cobrescritos transparentes**

Formato 5.1/2 x 4.1/2 cm. cada cento a . . . . .	7\$50	15,	0,25
» 6.1/2 x 5.1/2 cm. » » » . . . . .	9\$00	18,	0,35
» 10.1/2 x 6.1/2 cm. » » » . . . . .	12\$50	25,	0,45
» 11.1/2 x 7.1/2 cm. » » » . . . . .	14\$50	30,	0,40
» 12 x 8.1/2 cm. » » » . . . . .	14\$50	30,	0,50
» 12 x 9.1/2 cm. » » » . . . . .	15\$00	30,	0,55
» 15 x 9.1/2 cm. » » » . . . . .	17\$00	35,	0,65

**CASA FILATÉLICA J. ELL**

**FUNDADA EM 1940**

Novidades estrangeiras sempre aos melhores preços.  
Listas de preços periódicas. Aceitamos assinantes de novidades.  
Todo o material para o filatelista. Tiras H A W I D.

**Rua de Prata, 184-2.º Esq.**

**Tel. 32 35 08 — LISBOA 2**

É **FILATELISTA** ou amigo da **FILATELIA**?  
inscreva-se como sócio da

**Secção Filatélica e Numismática**  
**DO CLUBE DOS GALITOS**

receberá **GRATUITAMENTE**  
**SELOS & MOEDAS**

**FOMENTE, DIVULGUE e PRATIQUE**  
**FILATELIA**

José Maria Fialho de Macedo

COMERCIANTE FILATELISTA

Sócio:

C. I. F. — 730

C. F. P. — 1791

C. F. M. — 157

Selos novos e usados de Portugal e Ultramar. Albuns, catálogos e todo o material para filatelia. Erros e variedades. Depositário das charneiras philorge e NOP. Sobrescritos transparentes Sobrescritos c/ carimbo 1.º Dia. Aceitam-se inscrições para entrega de novidades de Portugal e Ultramar

**Descontos para revenda**

Telefone 23349

**ILHAVO**

**Escritório Filatélico**  
FUNDADO EM 1920

**F. Castel-Branco & Filho, L.<sup>da</sup>**

Raridades de Portugal e Ultramar -:- Selos estrangeiros -:- Novidades -:- Temáticas  
**REMESSA À ESCOLHA E POR MANCOLISTA**

Avenida Rocha Páris, 54-1.º -:- Telefone 22020 -:- End. telegráfico REPERFILA -:- Apartado n.º 44  
**VIANA DO CASTELO PORTUGAL**

## Sancho Osório

**Selos para colecção**

REMESSAS À ESCOLHA  
PORTUGAL E ULTRAMAR

Selos isolados novos e usados  
Séries completas novas

Selos usados em quantidade  
aceito em pagamento

pedir n/ tabela de  
valorização de condições de troca

R. da Madalena, 80-3.º

LISBOA

Telef. 86 91 94

## MERCADO FILATÉLICO

Rua de Santo António, 190-1.º

PORTO

A L B U N S

para PORTUGAL E ULTRA-  
MAR modelos Simões Fer-  
reira e Mercado Filatélico.

CATÁLOGO

SIMÕES FERREIRA 1963

SELOS NACIONAIS,  
ESTRANGEIROS E TEMÁTICOS

Para principiar ou continuar uma colecção de selos de Portugal,  
Ultramar, Estrangeiro, Temática, etc., visitar ou enviar lista de faltas a

## HENRIQUE MANTERO

PRAÇA DA ALEGRIA, 58-2.º — TELEF. 3281 76 — LISBOA

EXPOSIÇÃO PERMANENTE